



Retrospectiva do Cinema Brasileiro

12 a 23 de dezembro 2008

CINESESC

SESCSP



Cleópatra

Sumário

Retrospectiva do Cinema Brasileiro		
Danilo Santos de Miranda	5	35
Programação	6	36
Filmes		37
5 Frações de uma Quase História /		38
1958, o Ano em que o Mundo Descobriu o Brasil	10	39
3 Efes / A Dança da Vida	11	40
A Guerra dos Rocha / A Margem da Linha	12	41
A Outra Margem/ Ainda Orangotangos	13	42
Andarilho / Bezerra de Menezes – O Diário de um Espírito	14	43
Bodas de Papel / Brigada Pára-Quedista	15	
Cana Quente / Casa da Mãe Joana	16	
Castelar e Nelson Dantas no País dos Generais /		
Chega de Saudade	17	46
Cleópatra / Corpo	18	47
Devoção / Dias e Noites	19	
Encarnação do Demônio / Ensaio Sobre a Cegueira	20	
Era Uma Vez... / Estômago	21	49
Falsa Loura / Fim da Linha	22	
Garoto Cósmico /		
Grupo Corpo 30 Anos, uma Família Brasileira	23	51
Iluminados / Juízo	24	
Linha de Montagem / Linha de Passe	25	
Maré – Nossa História de Amor / Meu Nome É Dindi	26	53
Meu Nome não É Johnny / O Mistério do Samba	27	
Mulheres Sexo Verdades Mentiras / Musicagen	28	54
Mutum / Nome Próprio	29	
Nossa Vida não Cabe num Opala / O Aborto dos Outros	30	
O Banheiro do Papa / O Engenho de Zé Lins	31	57
O Guerreiro Didi e a Ninja Lili /		
O Longo Amanhecer: Uma Cinebiografia de Celso Furtado	32	59
O Mundo Nikkei: Os Brasileiros do Outro Lado do Mundo /		
O Retorno	33	
O Signo da Cidade / O Tempo e o Lugar	34	61
Olho de Boi / Onde Andará Dulce Veiga?		
Orquestra dos Meninos / Os Desafinados		
Os Porralkinhas / Otávio e as Letras		
Panair do Brasil / Pequenas Histórias		
Polaróides Urbanas / PQD		
Remissão / Romance do Vaqueiro Voador		
Serras da Desordem / Sexo com Amor?		
Show de Bola/		
Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos		
Última Parada 174 / Valsa para Bruno Stein		
Ciclo de Conferências		
Programação		
Cinema Brasileiro: Desafios Culturais e Econômicos		
Alessandra Meleiro		
Estratégias de co-produção internacional para o		
desenvolvimento do audiovisual no Brasil		
Steve Solot		
Cinema e Política: a política externa e a promoção do		
cinema brasileiro no mercado internacional		
Marco Farani		
Panorama da distribuição dos longas-metragens		
brasileiros a partir das leis de incentivo (1995-2007)		
Marcelo Gil Ikeda		
Legislação e mercado audiovisual no Brasil		
Carlos Augusto Calil		
Teorizando a Recepção Doméstica dos		
Cinemas Nacionais		
Fernando Mascarello		
A eterna questão do nacional no cinema brasileiro		
Stephanie Dennison		
Interconexões entre filme, música popular e televisão		
no cinema brasileiro		
Katia Augusta Maciel		



180
170
160
150

ART 12 64356
1995

RETROSPECTIVA DO CINEMA BRASILEIRO

A partir dos anos 90, a retomada da produção cinematográfica nacional permitiu o surgimento de um momento nobre para a apreciação e a fruição de filmes brasileiros, uma oportunidade para (re)ver obras que viriam compor um novo rol de imagens e narrativas sobre o Brasil. Por isso, há nove anos, o CineSESC realiza a Retrospectiva do Cinema Brasileiro. Presente em nosso calendário há quase uma década, a Retrospectiva evidencia que essa produção veio para ficar e a própria existência do evento, mostra-se como reflexo, não só de seu crescimento em número de filmes, como também de sua qualidade e do interesse do público por ela.

Em 2008, a Retrospectiva traz um total de 68 filmes, dentre os quais 24 documentários, uma presença que vem se tornando notável por sua qualidade estética, pelas temáticas abordadas – freqüentemente bastante críticas e com apelo social -, ou ainda pela quantidade de obras lançadas.

Neste ano, a programação inclui também o Ciclo de Conferências “Cinema Brasileiro: Desafios Culturais e Econômicos”, sob a curadoria da Iniciativa Cultural – Instituto das Indústrias Criativas, que pretende debater o status do cinema sob a ótica da indústria cultural, assim como da política e do mercado.

Centrado no cinema nacional e contando com a participação de representantes públicos, estudiosos e profissionais do setor, o Ciclo traz ao SESC uma discussão voltada aos fluxos de produção e recepção de filmes, com destaque para a relevância das políticas públicas para a difusão do cinema, dentro e fora do país, perspectiva que possibilita refletir sobre o cinema como representação da sociedade, bem como sobre sua influência para a construção de um imaginário sobre o Brasil e os brasileiros em âmbito nacional e internacional.

Pelo caráter cultural e educativo implícito nessa proposta, que convida brasileiros a ver-se, criticar-se e pensar-se por meio do cinema, o SESC São Paulo realiza, mais uma vez, a Retrospectiva do Cinema Brasileiro.

Danilo Santos de Miranda

Diretor Regional do SESC São Paulo

PROGRAMAÇÃO

12 - Sexta

- 13h30 Maré - Nossa História de Amor (105')
- 15h30 1958 - O Ano Que o Mundo Descobriu o Brasil (88')
- 17h10 Era uma vez... (118')
- 19h20 Estômago (112')
- 21h30 O Signo da Cidade (95')
- 23h20 Encarnação do Demônio (90')

14 - Domingo

- 11h Os Porralokinhas (120')
- 13h30 Brigada Para-Quedista (90')
- 15h10 Chega de Saudade (92')
- 17h Ensaio sobre a Cegueira (120')
- 19h20 Mutum (95')
- 21h10 Polaróides Urbanas (82')

16 - Terça

- 13h30 PQD (90')
- 15h10 3 EFES (100')
- 17h Corpo (85')
- 18h40 Castelar e Nelson Dantas no País dos Generais (73')
- 20h10 A Margem da Linha (96')

13 - Sábado

- 11h Pequenas Histórias (83')
- 13h30 O Engenho de Zé Lins (90')
- 15h10 Bodas de Papel (102')
- 17h10 Cana Quente (80')
- 18h40 Falsa Loura (103')
- 20h40 Onde Andará Dulce Veiga (105')
- 22h40 Nome Próprio (130')

15 - Segunda

- 13h30 O Andarilho (80')
- 15h Romance do Vaqueiro Voador (82')

17 - Quarta

- 13h30 A Dança da Vida (80')
- 15h Show de Bola (100')
- 17h Valsa Para Bruno Stein (88')
- 18h40 Sexo com Amor? (96')
- 20h30 Serras da Desordem (135')

18- Quinta

- 13h30 Remissão (91')
- 15h10 Grupo Corpo 30 Anos - Uma Família Brasileira (78')
- 16h40 5 Frações de Uma Mesma História (96')
- 18h30 O Longo Amanhecer (73')
- 20h Fim da Linha (80')
- 21h30 Casa da Mãe Joana (85')

20 - Sábado

- 11h O Guerreiro Didi e a Ninja Lili (102')
- 13h30 Panair do Brasil (70')
- 15h Otávio e as Letras (83')
- 16h40 Última Parada 174 (114')
- 19h O Mistério do Samba (88')
- 20h40 Os Desafinados (131')
- 23h10 Nossa Vida Não Cabe Num Opala (104')

22 - Segunda

- 13h30 Olho de Boi (72')
- 15h Ainda Orangotangos (81')
- 16h30 Iluminados (81')
- 18h Linha de Montagem (90')
- 19h40 Meu Nome é Dindi (106')
- 21h40 A Outra Margem (106')

19 - Sexta

- 13h30 Juízo (90')
- 15h10 Bezerra de Menezes - O Diário de Um Espírito (75')
- 16h40 Sobreviventes -Os Filhos da Guerra de Canudos (78')
- 18h10 Mulheres Sexo Verdades Mentiras (78')
- 19h40 Linha de Passe (108')
- 21h40 Cleópatra (100')
- 23h30 Meu Nome Não é Johnny (107')

21 - Domingo

- 11h Garoto Cósmico (76')
- 13h30 O Banheiro do Papa (97')
- 15h30 A Guerra dos Rocha (77')
- 17h Orquestra dos Meninos (95')
- 19h O Retorno (72')
- 20h30 O Tempo e o Lugar (97')

23 - Terça

- 13h30 O Aborto dos Outros (72')
- 15h O Mundo Nikkei (80')
- 16h30 Musicagem (75')
- 18h Devoção (85')
- 19h40 Dias e Noites (80')





FILMES



5 Frações de uma Quase História

Cinco histórias, cada qual realizada por um diretor diferente, se entrecruzam no decorrer do filme. Entre os personagens, que transitam num quente fim-de-semana por Belo Horizonte, há o fotógrafo que tem adoração por pés femininos, um homem que se projeta em situações televisivas, um funcionário de um tribunal que recebe proposta imoral de um juiz veterano, um trabalhador de um matadouro que descobre a traição da mulher e uma secretária desiludida que espera encontrar matrimônio num encontro às escuras.

Direção: Armando Mendz, Cristiano Abud, Cris Azzi, Guilherme Fiúza, Lucas Gontijo e Thales Bahia • **Elenco:** Cláudio Jaborandy, Cynthia Falabella, Gero Camilo, Jece Valadão, Leonardo Medeiros, Luiz Arthur, Nivaldo Pedrosa • **Roteiro:** Cristiano Abud • **Fotografia:** Luís Abramo
Música: Célio Balona, Victor Mazarello, Lucas Miranda • **Duração:** 98 min.
Prêmios: 11º Cine PE 2007 (troféu Calunga de direção de arte para Adriane Lemos; prêmio especial do júri); Miami Brazilian Film Festival 2008 (melhor roteiro; prêmio especial do júri para Cynthia Falabella)



1958, o Ano em que o Mundo Descobriu o Brasil

A história do primeiro título mundial do futebol brasileiro é contada pelos próprios protagonistas, com depoimentos, entre outros, de Didi, Zagallo, Nilton Santos, Djalma Santos, Mazolla e Índio. O documentário recupera as lembranças dos seis jogos da seleção brasileira na Copa Mundial de 1958, um marco para a formação da identidade nacional, e produz um material de referência para as gerações futuras. O diretor José Carlos Asbeg ouviu mais de 100 pessoas envolvidas de alguma maneira e gravou cerca de 130 horas de depoimentos.

Direção: José Carlos Asbeg • **Fotografia:** Flávio Ferreira
Música: Paulo Baiano • **Duração:** 88 min.



3 Efes

Sissi é uma jovem universitária que sustenta, com dificuldades, o pai viúvo e o irmão pequeno. Ela recorre aos conselhos de sua tia, Martina, dona de casa entediada que, em meio a uma crise no casamento com o publicitário Rogério, sente-se atraída por William, um simples catador de papel. Esta produção gaúcha foi a primeira no cinema brasileiro a ser lançada no mesmo dia (07 de dezembro de 2007) em cinema, DVD, TV e internet para democratizar seu acesso.

Direção: Carlos Gerbase • **Elenco:** Cristina Kessler, Carla Cassapo, Leonardo Machado, Paulo Rodrigues, Ana Maria Mainieri, Fábio Rangel, Júlio Andrade
Roteiro: Carlos Gerbase • **Fotografia:** João Divino • **Música:** Laura L. e Músicas Intermináveis para Viagem • **Duração:** 100 min.



A Dança da Vida

Sinopse: As percepções de diversos grupos de idosos, que levantam questões sobre sua sexualidade, seus hábitos e os locais que freqüentam, além das reflexões e questionamentos que surgem nesta fase da vida. O realizador estreado Juan Zapata colheu material por três anos, sendo que 90% das imagens foram captadas por ele próprio. Este é o primeiro documentário brasileiro a ser lançado simultaneamente em cinema, DVD, TV e internet.

Direção: Juan Zapata • **Roteiro:** Juan Zapata • **Fotografia:** Juan Zapata
Música: Lucio Dorfman • **Duração:** 80 min..



A Guerra dos Rocha

Sinopse: Nenhum dos três filhos adultos da simpática e destrambelhada octogenária Dina Rocha (Ary Fontoura) quer saber de cuidar dela. Rejeitada, ela é mandada de casa em casa até de repente desaparecer. Começa uma comédia pastelão em que todos os integrantes da família Rocha, diretos e adjacentes, revelam suas verdadeiras intenções. Livremente inspirada em peça teatral do uruguaio Jacobo Langsner.

Direção: Jorge Fernando • **Elenco:** Ary Fontoura, Diogo Vilela, Taís Araújo, Marcello Antony, Giulia Gam, Lúcio Mauro Filho, Nicete Bruno • **Roteiro:** Maria Carmem Barbosa, Carol Castro • **Fotografia:** Paulo Souza • **Duração:** 77 min.



A Margem da Linha

A cineasta Gisella Callas mostra um panorama da arte contemporânea brasileira ao explorar os depoimentos de três artistas: Regina Silveira, Sérgio Sister e José Spaniol. O objetivo é investigar diferentes aspectos da arte – “o que é arte?”, “para que ela serve?”, “tudo é aceitável na arte moderna?” – e traçar um perfil da produção nacional de hoje. Callas ouve também curadores e críticos de arte e busca abrir novas possibilidades de percepção e entendimento.

Direção: Gisella Callas • **Roteiro:** Gisella Callas • **Fotografia:** Carlos Ebert
Música: Quintal Brasileiro • **Duração:** 96 min.



A Outra Margem

Esta co-produção com Portugal, levada a cabo pelo veterano produtor luso Paulo Branco (parceiro do mestre Manoel de Oliveira), conta com o brasileiro Eduardo Silva no elenco secundário e a direção de fotografia do também compatriota Edgar Moura. Ricardo, transformista que perdeu o gosto pela vida depois da morte de seu parceiro, abandona por um tempo sua rotina em Lisboa e retorna à cidade-natal, onde reencontra depois de muitos anos a irmã e o pai viúvo (que o rejeita). Lá ele é confrontado com a alegria de viver de seu sobrinho Vasco, um adolescente com síndrome de Down.

Direção: Luís Filipe Rocha • **Elenco:** Filipe Duarte, Maria d'Aires, Tomás Almeida, Horácio Manuel, Sara Graça, Eduardo Silva • **Roteiro:** Luís Filipe Rocha
Fotografia: Edgar Moura • **Música:** Pedro Teixeira Silva • **Duração:** 106 min.
Prêmios: Festival de Cinema Mexicano de Guadalajara 2008 (melhor atriz segundo júri ibero-americano; prêmio especial do júri ibero-americano para a direção); Montreal World Film Festival 2007 (melhor ator para Filipe Duarte e Tomás Almeida)



Ainda Orangotangos

A partir do livro homônimo de Paulo Scott e num único e longo plano-sequência, o filme acompanha momentos da rotina de dezesseis personagens durante o dia mais quente do ano em Porto Alegre. Entre as situações, a conversa num ônibus de um casal de lésbicas sobre a rixa entre Grêmio e Internacional; a intensa relação física entre um homem mais velho e uma bela jovem, ambos embriagados; e a invasão de uma festa de debutante pelo professor de canto da aniversariante.

Direção: Gustavo Spolidoro • **Elenco:** Janaina Kremer, Renata de Lélis, Artur Pinto, Roberto Oliveira, Arlete Cunha, Rafael Sieg, Nilsson Asp • **Roteiro:** Gustavo Spolidoro, Gibran Dipp • **Fotografia:** Juliano Lopes • **Duração:** 81 min. • **Prêmios:** Festival de Cinema de Milão 2008 (melhor filme); Festival de Cinema Latino-Americano de Lima 2008 (melhor primeiro trabalho; melhor ator para Roberto Oliveira)



Andarilho

Entre Montes Claros e Pedra Azul, no nordeste de Minas Gerais, três andarilhos solitários (Gaúcho, Nercino e Paulão) percorrem trajetórias distintas, relacionando-se, cada um a seu modo, com os elementos de um mundo em que tudo é transitório. São homens que estão na miséria por circunstâncias ou por serem livres, o que os faz caminhar sem destino selado. O documentário foi rodado nas rodovias federais BR-251, BR-135 e BR-122 e integra uma trilogia iniciada com A Alma do Osso (2004).

Direção: Cao Guimarães • **Fotografia:** Cao Guimarães • **Música:** O Grivo • **Duração:** 80 min. • **Prêmios:** Festival do Rio 2007 (troféu Redentor de direção/documentário)



Bezerra de Menezes – O Diário de um Espírito

O filme acompanha a vida do médico cearense Bezerra de Menezes, conhecido como o médico dos pobres e um dos pais da filosofia espírita no Brasil. A narrativa tem início na infância do personagem, no sertão nordestino, em meados do século XIX. Aos 18 anos, ele inicia seus estudos de Medicina no Rio de Janeiro. Anos depois, elege-se vereador e deputado em várias legislaturas e defende idéias abolicionistas. Seu maior reconhecimento, porém, veio com o trabalho anônimo junto aos desfavorecidos. Foi um surpreendente sucesso de bilheteria, com mais de 400 mil espectadores.

Direção: Joe Pimentel, Glauber Filho • **Elenco:** Carlos Vereza, Lúcio Mauro, Caio Blat, Paulo Goulart Filho, Nanda Costa, B. de Paiva, Ana Rosa • **Roteiro:** Luciano Klein, Andréa Bardawil, Glauber Filho • **Duração:** 75 min.



Bodas de Papel

Candeias é uma pequena cidade no interior de São Paulo, esvaziada para a construção de uma usina hidrelétrica. Ali vivia Nina, que passou sua infância na companhia do avô, dono do único hotel da cidade e que faleceu ao ter de se mudar para a capital. Anos depois, ela lê no jornal que o governo desistiu do projeto da hidrelétrica. Com o retorno de alguns moradores, entre eles a própria Nina, Candeias aos poucos retoma a vida. A bela mulher decide reformar e administrar o hotel do avô e vive então uma história de amor com um arquiteto argentino (Darío Grandinetti, de Fale com Ela).

Direção: André Sturm • **Elenco:** Darío Grandinetti, Helena Ranaldi, Walmor Chagas, Cleide Yáconis, Antonio Petrin, Imara Reis, Sérgio Mamberti • **Roteiro:** Adriana Lisboa, Flavio Carneiro, André Sturm • **Fotografia:** Fabio Cabral • **Música:** Alexandre Guerra • **Duração:** 102 min. • **Prêmios:** 12º Cine PE 2008 (troféus Calunga de atriz coadjuvante para Cleide Yáconis e de edição de som; melhor filme segundo o júri popular)



Brigada Pára-Quedista

A rotina na Brigada de Infantaria Pára-Quedista, tropa de elite do Exército instalada na Vila Militar em Deodoro, zona norte do Rio de Janeiro. O documentário acompanha o cotidiano na caserna, o treinamento rigoroso e a visão que os próprios militares têm do cinema e dos filmes de guerra. Comentam-se, entre outros, clássicos como A Grande Ilusão (Jean Renoir), Apocalypse Now (Francis Ford Coppola) e Nascido para Matar (Stanley Kubrick). Cria uma curiosa dupla com o documentário PQD, de Guilherme Coelho, também selecionado na retrospectiva.

Direção: Evaldo Mocarzel • **Roteiro:** Evaldo Mocarzel, Marcelo Moraes
Fotografia: Christian Saghaard, Fábio Guerra • **Duração:** 74 min.



Cana Quente

Índio é um cortador de cana-de-açúcar que se destaca por causa de sua beleza física. Ele trabalha numa grande usina no interior de São Paulo e acaba se envolvendo tanto com a esposa do dono da usina quanto com uma fazendeira e fornecedora de cana, as duas mulheres mais poderosas da região. Índio passa a ser investigado como o principal suspeito do assassinato de uma jovem e, na falta de um álibi, se complica com as autoridades locais. As relações e segredos da cidadezinha terão de ser revelados. Filme de estréia de Luiz Alberto Zakir, sociólogo que foi gerente do CineSesc, até o final de 2007.

Direção: Luiz Alberto Zakir • **Elenco:** Hugo Casarini, Edmilson Nascimento, Elisa Americana Saintive, Maria Helena Serrano, Wagner Molina, Dionísio Neto, Raquel Marinho • **Roteiro:** Luiz Alberto Zakir • **Fotografia:** Aloysio Raulino • **Música:** Gustavo Nascimento, Pedro Arantes • **Duração:** 80 min.



Casa da Mãe Joana

Três amigos de longa data dividem um amplo e antigo apartamento de classe média com vista para o mar. Com personalidades diferentes, eles só concordam no estilo de vida festivo, como malandros cariocas da gema que são. Quando correm o risco de perderem o apartamento caso não paguem a hipoteca, eles pensam em voltar a trabalhar. Ou cometer um grande golpe. O que for mais fácil e conveniente.

Direção: Hugo Carvana • **Elenco:** José Wilker, Paulo Betti, Antonio Pedro, Pedro Cardoso, Juliana Paes, Laura Cardoso, Malu Mader, Claudio Marzo, Agildo Ribeiro • **Roteiro:** Paulo Halm • **Fotografia:** Lauro Escorel • **Música:** Guto Graça Mello • **Duração:** 95 min.



Castelar e Nelson Dantas no País dos Gerais

Em Minas Gerais, nos anos da ditadura, cineastas atormentados pelas personagens de seus filmes lançam a pergunta fulminante: por que as mulheres são tão belas? Nenhum cometeu o erro de imaginar que a razão fosse o vestido. Neste docudrama bastante pessoal, o cineasta Carlos Prates revisita o cinema praticado em Minas entre os anos 1960 e 80, apresenta cenas de sua própria filmografia (como os premiados Cabaret Mineiro, 1979, e Noites do Sertão, 1983), homenageia o ator Nelson Dantas e constrói passagens narrativas com atores, alguns inusitados.

Direção: Carlos Alberto Prates Correia • **Elenco:** Rafaela Amado, Priscila Assum, Tavinho Moura, Andrea Dantas, Regina Coelho • **Roteiro:** Carlos Alberto Prates Correia • **Fotografia:** Dib Lutfi • **Prêmios:** Festival de Gramado 2007 (troféu Kíkito de filme e de montagem, para Carlos Prates); I Festival Paulínia de Cinema 2008 (prêmio especial do júri)



Chega de Saudade

A trama transcorre toda numa noite de baile num clube de dança em São Paulo, acompanhando as alegrias e os dramas de diferentes personagens freqüentadores do salão, a maioria de idade mais madura. Tudo começa ainda à luz do sol, quando o salão abre suas portas, e termina pouco antes da meia-noite, quando o último freqüentador desce a escada. Como fundo musical, clássicos da MPB com a voz inconfundível da cantora Elza Soares e também com um jovem DJ que vem com sua namorada, que fica fascinada pelo ambiente. Com muita música e dança, fala-se de amor, desejo, solidão e traição.

Direção: Laís Bodanzky • **Elenco:** Leonardo Villar, Tônia Carrero, Cássia Kiss, Betty Faria, Stepan Nercessian, Paulo Vilhena, Maria Flor, Elza Soares, Clarisse Abujamra, Miriam Mehler, Marly Marley, Selma Egrei • **Roteiro:** Luiz Bolognesi, Laís Bodanzky • **Fotografia:** Walter Carvalho • **Música:** Eduardo BiD • **Duração:** 95 min. **Prêmios:** Festival de Brasília 2007 (troféu Candango de direção e de roteiro; prêmio do público); Geneva Cinema Tout Écran 2008 (grand prix)



Cleópatra

A história da última rainha do Egito ganha aqui uma versão teatralizada, a primeira realizada em língua portuguesa. Poderosa e enigmática, Cleópatra tornou-se um dos maiores mitos da história. Imortalizada em especial por seus tumultuados relacionamentos amorosos, ela foi, de fato, uma mulher culta e preparada para o exercício do poder, equilibrando vocação política, ousadia estratégica e ambição desmedida. O veterano Julio Bressane a concebe como sedutora e passional.

Direção: Julio Bressanem • **Elenco:** Alessandra Negrini, Miguel Falabella, Bruno Garcia, Tonico Pereira, Taumaturgo Ferreira, Lúcio Mauro, Nildo Parente • **Roteiro:** Julio Bressane • **Fotografia:** Walter Carvalho • **Música:** Guilherme Vaz • **Duração:** 114 min. • **Prêmios:** Festival de Brasília 2007 (troféu Candango de filme, atriz, fotografia, trilha sonora, som e direção de arte para Moa Batsow)



Corpo

São Paulo, nos dias de hoje. O médico-legista Artur gosta de imaginar mortes fictícias para pessoas vivas. Sua imaginação corre solta quando recebe um corpo encontrado numa vala comum junto a ossadas de vítimas do regime militar. Pelas marcas, Artur percebe que ela se manteve intacta por trinta anos. Decide investigar e conhece Fernanda, uma jovem idêntica ao cadáver. Juntos, eles tentam descobrir qual a verdadeira identidade do corpo. Estréia na direção de longa-metragem da dupla Rossana Foglia e Rubens Rewald.

Direção: Rossana Foglia, Rubens Rewald • **Elenco:** Leonardo Medeiros, Rejane Arruda, Chris Couto, Louise Cardoso, Regiane Alves • **Roteiro:** Rossana Foglia, Rubens Rewald • **Fotografia:** Márcio Langeani • **Música:** Eduardo Queiroz • **Duração:** 85 min. • **Prêmios:** Method Fest/EUA (melhor filme estrangeiro)



Devoção

O que teriam em comum Ogum, o primeiro dos orixás, e Antônio, o bondoso santo casamenteiro? Neste documentário inteiramente rodado no Rio de Janeiro, o cineasta Sérgio Sanz aponta o grande mito religioso do Brasil: o sincretismo, que tem sido entendido até hoje como uma mistura de diversas crenças heterogêneas. O filme questiona as relações de poder e as ações discriminatórias mascaradas por uma imagem de democracia e de bom convívio entre as diferenças religiosas, aparentemente optativas e não conflituosas.

Direção: Sergio Sanz • **Roteiro:** Sergio Sanz

Fotografia: Luis Abramo • **Duração:** 85 min.



Dias e Noites

Adaptação do romance “Clotilde Dias e Noites”, de Sérgio Jockyman, este melodrama foi co-produzido por sua protagonista, Naura Schneider. Ela interpreta Clotilde, uma jovem educada para ser esposa e que, com temperamento forte e impetuoso, enfrentará o machismo e o preconceito gaúchos em diferentes relações entre 1950 e 1970. Logo em seu prematuro casamento, ela desafia o marido fazendeiro, separa-se dele e perde a guarda dos filhos. Clotilde tentará reconstruir sua vida em tempos conflituosos e junto a outros homens (um advogado, um playboy e um empresário mais velho).

Direção: Beto Souza • **Elenco:** Naura Schneider, Antonio Calloni, Dan Stulbach,

José de Abreu, José Vitor Castiel • **Roteiro:** Rafael Dragaud, Lulu Silva Telles,

Pedro Zimmerman • **Fotografia:** Renato Falcão • **Música:** Guto Graça Mello

Duração: 80 min.



Encarnação do Demônio

Primeiro longa-metragem concluído pelo cineasta José Mojica Marins em 21 anos e retorno oficial ao seu personagem Zé do Caixão depois de quatro décadas. É a terceira parte da trilogia iniciada com os clássicos *À Meia-Noite Levarei sua Alma* (1964) e *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* (1967). Após 40 anos preso, Zé do Caixão é finalmente libertado. De volta às ruas, o sádico cozeiro está decidido a cumprir a meta que o levou à prisão: encontrar a mulher que possa gerar seu filho perfeito. Fixando-se em São Paulo, ele inicia uma onda de horror e mortes. É o último trabalho do veterano Jece Valadão (também presente na retrospectiva com 5 Frações de uma Quase História).

Direção: José Mojica Marins • **Elenco:** José Mojica Marins, Milhem Cortaz, Rui Resende, Helena Ignez, Jece Valadão, Luís Melo, Cristina Aché, José Celso Martinez Correa, Adriano Stuart • **Roteiro:** José Mojica Marins, Dennison Ramalho
Fotografia: José Roberto Eliezer • **Música:** André Abujamra, Marcio Nigro
Duração: 90 min. • **Prêmios:** I Festival Paulínia de Cinema 2008 (melhor filme/ficção, fotografia, trilha sonora, montagem para Paulo Sacramento, direção de arte para Cássio Amarante, edição de som e prêmio da crítica)



Ensaio Sobre a Cegueira

Esta adaptação do consagrado romance homônimo do escritor português José Saramago resultou numa co-produção globalizada entre o Brasil, o Canadá e o Japão. Uma inexplicável epidemia chamada de “cegueira branca”, em que as pessoas atingidas passam a ver apenas uma superfície leitosa, alastra-se pelo país. À medida que os afetados são colocados em quarentena e os serviços oferecidos pelo Estado começam a falhar, as pessoas passam a lutar por suas necessidades básicas e desinibem seus instintos de sobrevivência.

Direção: Fernando Meirelles • **Elenco:** Julianne Moore, Mark Ruffalo, Alice Braga, Gael García Bernal, Don McKellar, Danny Glover • **Roteiro:** Don McKellar
Fotografia: César Charlone • **Música:** Marco Antônio Guimarães
Duração: 120 min. • **Prêmios:** Sitges – Catalanian International Film Festival 2008 (melhor desenho de produção para Tul Peak)



Era Uma Vez...

Os jovens Dé e Nina se conhecem na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, e acabam se apaixonando. O problema é que o casal vive realidades sócio-econômicas opostas, ela é patricinha da Zona Sul e mora em plena avenida Vieira Souto, enquanto ele reside na favela do Cantagalo e trabalha diariamente num quiosque da praia. Juntos, eles experimentarão as alegrias, emoções e dificuldades de viver um romance tão improvável.

Direção: Breno Silveira • **Elenco:** Thiago Martins, Vitória Frate, Rocco Pitanga, Paulo César Grande, Cyria Coentro, Marcos Pitombo • **Roteiro:** Patrícia Andrade, Domingos de Oliveira • **Fotografia:** Dudu Miranda, Paulo Souza • **Música:** Berna Ceppas • **Duração:** 117 min.



Estômago

Raimundo Nonato é mais um imigrante do sertão que busca vida melhor em São Paulo. No começo do filme, percebe-se que ele está preso, mas não se sabe como, nem por quê. Em flashbacks, vê-se como ele arranja trabalho de limpeza num bar e descobre seu talento para preparar coxinhas, que transformam o boteco num sucesso. O dono de um restaurante italiano da região o contrata como ajudante de cozinheiro. À medida que seu dom para cozinhar se aperfeiçoa, ele se apaixona pela gulosa prostituta Iria, numa divertida relação de sexo em troca de comida. Uma co-produção entre o Brasil e a Itália.

Direção: Marcos Jorge • **Elenco:** João Miguel, Fabiula Nascimento, Babu Santana, Alexander Sil, Carlo Briani, Paulo Miklos, Jean Pierre Noher • **Roteiro:** Fabrizio Donvito, com Lusa Silvestre, Marcos Jorge, Cláudia de Natividade • **Fotografia:** Toca Seabra • **Música:** Giovanni Venosta • **Duração:** 113 min. • **Prêmios:** Festival do Rio 2007 (melhor direção e melhor ator; prêmio do público; prêmio especial do júri para Babu Santana); Biarritz International Festival of Latin American Cinema (prêmio especial do júri)



Falsa Loura

A bela e jovem Silmara é uma operária que sustenta o pai incendiário e que vai pro batente sem descuidar do esmalte. Brega assumida, ela se envolve com dois mitos diferentes da música popular, um roqueiro e um cantor romântico, e experimentará traumáticas lições de vida com cada um deles. O cineasta Carlos Reichenbach mantém-se fiel ao universo do proletariado paulista, registrado em filmes como *Anjos do Arrabalde* (1987) e *Garotas do ABC* (2003).

Direção: Carlos Reichenbach • **Elenco:** Rosane Mulholland, Cauã Reymond, Maurício Mattar, Djin Sganzerla, João Bourbonnais, Susana Alves, Léo Áquila • **Roteiro:** Carlos Reichenbach • **Fotografia:** Jacob Solitrenick • **Música:** Nelson Ayres, Marcos Levy • **Duração:** 105 min. • **Prêmios:** Festival de Brasília 2007 (troféu Candango de atriz coadjuvante para Djin Sganzerla)



Fim da Linha

Esta é uma metáfora tensa e bem-humorada sobre uma sociedade apoiada na fé e no poder do dinheiro. Um político cercado de assessores e seu filho, um jornalista de TV, sua mulher e seu filho, dois motoristas de táxi, um catador de papel, uma ladra surda-muda (negra e analfabeta), um bebê seqüestrado, um grupo de velhinhos de um asilo e uma tribo de índios – o destino de cada um deles se cruzará durante uma inusitada chuva de dinheiro no centro de São Paulo. A estréia na direção de longa de Gustavo Steinbeck marcou também a última atuação em cinema de Rubens de Falco.

Direção: Gustavo Steinberg • **Elenco:** Rubens de Falco, Leonardo Medeiros, Maria Padilha, Daniela Camargo, Eucir de Souza, Ney Piacentini, Turíbio Ruiz • **Roteiro:** Gustavo Steinberg, Guilherme Werneck • **Fotografia:** Aloysio Raulino • **Duração:** 76 min.



Garoto Cósmico

Os garotos Cósmico, Luna e Maninho vivem num mundo futurista, onde a rotina é inteiramente programada. Certa noite, enquanto buscam obter pontos para ganhar um bônus na escola, eles se perdem no espaço. Eles então descobrem um universo infinito esquecido num pequeno circo, onde vivem novas experiências. O circo é dirigido por Giramundos (voz de Raul Cortez, em sua última participação em cinema). Entre as canções incluídas no desenho, que marca a estréia em longa de Alê Abreu, há algumas interpretadas por nomes como Belchior, Arnaldo Antunes e Vanessa da Mata.

Direção: Alê Abreu • **Roteiro:** Alê Abreu, Sabina Anzuategui, Daniel Chaia, Gustavo Kurlat • **Música:** Gustavo Kurlat • **Duração:** 75 min.



Grupo Corpo 30 Anos, uma Família Brasileira

O grupo mineiro de dança Corpo completou 30 anos em 2005. Para celebrar a data, este documentário com direção geral de Lucy Barreto é o resultado de um ano e meio de trabalho e 58 horas de material filmado. O filme resgata o processo que levou cinco irmãos, liderados pelo coreógrafo Rodrigo Pederneiras, ao sonho de fundar uma das mais importantes companhias de dança contemporânea do país. E durante três meses foi registrado também o processo de criação do espetáculo “Ongotô” (com música de Caetano Veloso e José Miguel Wisnik) e sua turnê de estréia pelo Brasil e exterior.

Direção: Fábio Barreto, Marcelo Santiago • **Fotografia:** Dudu Miranda
Duração: 78 min.



Iluminados

A realizadora Cristina Leal, em seu primeiro longa, lança um olhar sobre a fotografia de cinema pelas lentes de alguns dos maiores profissionais recentes do cinema brasileiro, a saber: Dib Lutfi, Edgar Moura, Fernando Duarte, Pedro Farkas, Walter Carvalho e o saudoso Mário Carneiro. Cada um reflete sobre seu trabalho, sua carreira e sua visão particular de cinema. A diretora também propôs que cada um filmasse uma mesma cena (com os atores Ângela Rebello e Roberto Bomtempo), revelando nas diferenças o estilo único de cada um.

Direção: Cristina Leal • **Roteiro:** Cristina Leal, Reinaldo Pinheiro • **Fotografia:** Antonio Luiz Mendes • **Música:** Marcos Souza • **Duração:** 100 min.



Juízo

O documentário acompanha a trajetória de jovens com menos de 18 anos de idade diante da lei: meninas e meninos pobres entre o instante da prisão e o do julgamento por roubo, tráfico e/ou homicídio. Como a identificação de jovens infratores é vedada por lei, no filme eles são representados por jovens não-infratores que vivem em condições sociais similares. Todos os demais personagens – juizes, promotores, defensores, familiares – são pessoas reais filmadas durante as audiências na II Vara da Justiça do Rio de Janeiro e durante visitas ao Instituto Padre Severino, local de reclusão dos menores infratores.

Direção: Maria Augusta Ramos • **Roteiro:** Maria Augusta Ramos • **Fotografia:** Guy Gonçalves • **Duração:** 90 min. • **Prêmios:** Dok Leipzig – Festival Internacional de Documentário e Animação de Leipzig/Alemanha 2007 [prêmio do júri da FIPRESCI/Federação Internacional da Indústria Cinematográfica]; One World Human Rights Documentary Film Festival/Praga 2008 [melhor filme]



Linha de Montagem

Concluído em 1982, foi relançado este documentário sobre o movimento sindical do ABC paulista entre 1978 e 1981, com ênfase nas greves de 1979 e 1980 em São Bernardo do Campo, de onde surgiu a liderança sindical de Luiz Inácio Lula da Silva. As greves geraram prisão de líderes e processos ainda com base na Lei de Segurança Nacional, ativa durante a ditadura militar. Gente importante envolveu-se nesse projeto, como a montagem assinada pelo futuro cineasta Roberto Gervitz e fotos de cena tomadas, entre outros, por nomes como Leon Hirszman, Adrian Cooper e Aloysio Raulino. Narração de Othon Bastos.

Direção: Renato Tapajós • **Roteiro:** Renato Tapajós • **Fotografia:** Zetas Malzoni
Música: Chico Buarque de Hollanda e Novelli • **Duração:** 90 min.



Linha de Passe

No coração de São Paulo, quatro irmãos tentam reinventar suas vidas. Reginaldo, o mais novo, procura o pai que nunca conheceu. Dario, prestes a completar 18 anos, sonha em se tornar jogador de futebol profissional. O frentista Dinho busca refúgio na religião. O irmão mais velho Dênis já é pai e ganha a vida como motoboy. No centro da família está Cleusa, 42 anos, grávida do quinto filho. Ela trabalha como empregada doméstica enquanto luta para manter os filhos na linha. Para sobreviver à brutalidade de uma cidade onde as oportunidades se afunilam, eles só contam um com o outro.

Direção: Walter Salles, Daniela Thomas • **Elenco:** Sandra Corveloni, João Baldasserini, Vinícius de Oliveira, José Geraldo Rodrigues, Kaique Jesus Santos, Denise Weinberg, Luiz Serra, Norival Rizzo, Murilo Grossi • **Roteiro:** Bráulio Mantovani, Daniela Thomas, George Moura • **Fotografia:** Mauro Pinheiro Jr.
Música: Gustavo Santaolalla • **Duração:** 111 min. • **Prêmios:** Festival de Cannes 2008 [Palma de Prata de melhor atriz]



Maré – Nossa História de Amor

Musical sobre dois jovens moradores da favela carioca da Maré. Analídia é filha de um chefe do tráfico de drogas, que briga pelo poder local com o irmão de Jonathan. Separados por facções rivais, o jovem casal encontra no grupo de dança da comunidade um refúgio para seus desejos. Mas a violência crescente ameaça essa relação. Livremente inspirado em “Romeu e Julieta” (como Era Uma Vez..., também selecionado na retrospectiva), o filme resgata o ritmo e a musicalidade típicos do brasileiro. Os dançarinos e elenco de apoio foram selecionados entre 500 jovens de diferentes favelas do Rio. Co-produção com a França e o Uruguai.

Direção: Lucia Murat • **Elenco:** Cristina Lago, Vinícius D'Black, Marisa Orth, Babu Santana, Elisa Lucinda, Malu Galli, Flavio Bauraqui • **Roteiro:** Lucia Murat, Paulo Lins • **Fotografia:** Lucio Kodato • **Música:** Fernando Moura, Marcos Suzano
Duração: 104 min. • **Prêmios:** Festival do Rio 2007 [prêmio especial do júri para Babu Santana]



Meu Nome É Dindi

A jovem Dindi é proprietária de uma quitanda à beira da falência num subúrbio pobre do Rio de Janeiro. Com a ajuda do namorado bem intencionado, ela luta com todas as forças para manter o negócio aberto, mas é sempre assediada por um violento agiota. Sua vida começa a se transformar quando passa a ser seguida e vigiada por um homem misterioso. Em cinco atos distintos entre si e de livre dramaturgia, o cineasta estreante em longa-metragem Bruno Safadi homenageia o cinema marginal praticado nos anos 1960/70.

Direção: Bruno Safadi • **Elenco:** Djin Sganzerla, Gustavo Falcão, Carlo Mossy, Nildo Parente, Maria Gladys • **Roteiro:** Bruno Safadi • **Fotografia:** Lula Carvalho
Música: Aurélio Dias • **Duração:** 85 min. • **Prêmios:** 11ª Mostra de Cinema de Tiradentes 2008 [melhor filme]



Meu Nome não é Johnny

Ele tinha tudo, menos limite: João Guilherme Estrella era um típico jovem da classe média, que viveu intensamente sua juventude. Inteligente e simpático, era adorado pelos pais e popular entre os amigos. No início dos anos 1990, tornou-se o rei do tráfico de drogas na zona sul do Rio de Janeiro. Investigado pela polícia, foi preso e seu nome chegou às capas dos jornais quando passou a freqüentar o banco dos réus. Baseado em história real, essa adaptação do best-seller homônimo de Guilherme Fiúza é o maior sucesso brasileiro de bilheteria em 2008, com pouco mais de 2 milhões de espectadores.

Direção: Mauro Lima • **Elenco:** Selton Mello, Cleo Pires, Julia Lemmertz, Cássia Kiss, Eva Todor, André de Biasi, Ângelo Paes Leme, Giulio Lopes, Aramis Trindade, Flavio Bauraqui, Kiko Mascarenhas • **Roteiro:** Mauro Lima, Mariza Leão, Guilherme Fiúza • **Fotografia:** Ulrich Burtin • **Música:** Fabio Mondego, Rafael Mondego, Marco Tomaso • **Duração:** 107 min. • **Prêmios:** Miami Brazilian Film Festival 2008 (melhor filme, ator, som, montagem para Marcelo Moraes, prêmio da crítica e prêmio do público)



O Mistério do Samba

Registra-se a história e o cotidiano dos integrantes da Velha Guarda da Portela e como este cotidiano se torna inspiração para músicas que estão entre as mais belas do cancioneiro popular do país. O filme acompanha a cantora e compositora Marisa Monte em seu trabalho de resgate de composições que estavam quase esquecidas – afinal, esses sambistas não têm o hábito de registrar letras e melodias criadas em rodas de sambas e, assim, muitas delas existiam apenas na memória de alguns. Ela conversa também com o elegante Paulinho da Viola e o malandro Zeca Pagodinho.

Direção: Carolina Jabor, Lula Buarque de Hollanda • **Roteiro:** Carolina Jabor, Leonardo Netto, Lula Buarque de Hollanda, Marisa Monte, Natara Ney • **Fotografia:** Toca Seabra • **Música:** Denílson Campos • **Duração:** 88 min.



Mulheres Sexo Verdades Mentiras

Laura é uma documentarista que se separou após vinte anos de casamento. Percebendo que ainda possui questões mal resolvidas quanto à sua sexualidade, ela decide realizar um filme que aborde a sexualidade feminina nos dias atuais. Ao mesmo tempo, ela se envolve com um novo amor. Euclides Marinho, em sua estréia como diretor de longa-metragem, e Rafael Dragaud coletaram como base para o roteiro depoimentos de mulheres de todas as idades e classes sociais, em especial pela internet através da criação de grupos de debates e perguntas enviadas por e-mail.

Direção: Euclides Marinho • **Elenco:** Julia Lemmertz, Fernando Alves Pinto, Malu Galli, Branca Messina, Priscila Rozenbaum, Fernando Eiras, Daniel Dantas
Roteiro: Euclides Marinho, Rafael Dragaud • **Fotografia:** Marcelo Guru Duarte
Música: Tato Taborda, Brasov, Lucas Marcier e Edu Krieger • **Duração:** 81 min.



Musicagen

Este documentário investiga a música, da criação à distribuição, confrontando opiniões de instrumentistas, empresários, acadêmicos, artistas eruditos e populares. Esta investigação é feita a partir da música e da vida de Fernando Sardo, um luthier que tira sonoridade incomum de instrumentos criados com materiais reciclados. O filme traz depoimentos, entre outros, do músico e compositor André Abujamra, do maestro, arranjador e apresentador Júlio Medaglia, de Seu Nenê da Vila Matilde, do rapper e pensador Thaíde e da violonista e compositora Badi Assad. Estréia no longa da dupla Edu Felistoque e Nereu Cerdeira.

Direção: Edu Felistoque, Nereu Cerdeira • **Roteiro:** Edu Felistoque, Nereu Cerdeira
Fotografia: Caco Souza • **Música:** Nelson Fonte • **Duração:** 75 min.



Mutum

Mutum significa mudo, ou um pássaro preto que só canta à noite, ou o nome de um lugar isolado no sertão de Minas Gerais, onde vivem Thiago e sua família. Ele tem dez anos e, através de seu olhar, enxerga o estranho mundo dos adultos, cheio de traições, violências e silêncios. Ao lado de Felipe, seu irmão e único amigo, Thiago será confrontado com uma realidade que precisará deixar para trás. O primeiro longa de ficção de Sandra Kogut é baseado no capítulo “Miguilim” do livro Campo Geral, de João Guimarães Rosa, e conta com um elenco em sua maioria de atores não-profissionais.

Direção: Sandra Kogut • **Elenco:** Thiago da Silva Mariz, Wallison Felipe Leal Barroso, João Miguel, Izadora Fernandes, Rômulo Braga • **Roteiro:** Ana Luíza Martins Costa, Sandra Kogut • **Fotografia:** Mauro Pinheiro Júnior • **Duração:** 95 min. • **Prêmios:** Festival do Rio 2007 (troféu Redentor de melhor filme/ficção)



Nome Próprio

Adaptação dos livros “Máquina de Pinball” e “Vida de Gato”, da escritora gaúcha Clarah Averbuck, com roteiro que também recorre a textos de sua autoria publicados em seu blog na internet. A jovem Camila, intensa, complexa e corajosa, dedica a vida à sua paixão: escrever. Sua vida é sua narrativa e o que lhe interessa é a literatura como ato de revelação. Para tanto, ela cria e destrói diferentes vínculos, vive paixões e amizades com extrema urgência.

Direção: Murilo Salles • **Elenco:** Leandra Leal, Juliano Cazarré, Rosane Mulholland, Milhem Cortaz, Norival Rizzo • **Roteiro:** Elena Soares, Melanie Dimantas, Murilo Salles • **Fotografia:** Fernanda Riscalli, Murilo Salles • **Música:** Sacha Amback • **Duração:** 125 min. • **Prêmios:** Festival de Gramado 2008 (troféu Kikito de filme, atriz e direção de arte para Pedro Paulo de Souza)



Nossa Vida não Cabe num Opala

A história tem início com a morte do patriarca de uma família paulistana de classe média baixa. Como espírito, ele passa a assistir às reações dos filhos à sua morte e ao total desmoronamento da frágil estrutura familiar. Adaptação da peça teatral “Nossa Vida não Vale um Chevrolet”, de Mario Bortolotto, que assina muitos dos blues e rocks da trilha sonora e faz também uma ponta num boteco. A estréia na direção de longa de Reinaldo Pinheiro marcou também a última atuação de Dercy Gonçalves.

Direção: Reinaldo Pinheiro • **Elenco:** Leonardo Medeiros, Milhem Cortaz, Gabriel Pinheiro, Maria Manoella, Paulo César Pereio, Jonas Bloch, Maria Luisa Mendonça, Marília Pêra, Dercy Gonçalves • **Roteiro:** Di Moretti • **Fotografia:** Jacob Solitrenick • **Música:** Mario Bortolotto • **Duração:** 104 min. • **Prêmios:** Cine PE 2008 (troféu Calunga de filme, atriz para Maria Luisa Mendonça, roteiro, trilha sonora e direção de arte)



O Aborto dos Outros

Após três anos de pesquisa, a diretora Carla Gallo acompanhou, durante cinco meses, situações de aborto dentro de hospitais públicos que atendem mulheres vítimas de estupro, interrupções de gestação em casos de má-formação fetal sem possibilidade de sobrevivência após o nascimento e também abortos clandestinos. O documentário revela que, no Brasil, mais de um milhão de abortos clandestinos são realizados por ano. Ao mostrar os efeitos perversos da criminalização para as mulheres, o documentário aponta a necessidade de revisão da lei brasileira.

Direção: Carla Gallo • **Roteiro:** Carla Gallo • **Fotografia:** Aloysio Raulino, Julia Zakia • **Duração:** 72 min. • **Prêmios:** 13º Festival Internacional de Documentários – É Tudo Verdade 2008 (menção honrosa do júri)



O Banheiro do Papa

Esta premiada co-produção entre Uruguai, Brasil e França inspira-se em fatos reais e tem, entre seus produtores, o nome de Fernando Meirelles. O diretor de fotografia de seu *Cidade de Deus*, César Charlone, estréia aqui como co-diretor, ao lado do uruguaio Enrique Fernández. 1998, cidade de Melo, na fronteira entre o Brasil e o Uruguai: o local está agitado com a visita em breve do Papa. Milhares de pessoas virão à cidade, o que anima a população local, que vê a ocasião como uma oportunidade para vender produtos e serviços. Beto, um contrabandista, decide construir um banheiro público para os visitantes. Mas para torná-lo realidade ele terá que realizar arriscadas viagens até a fronteira.

Direção: Enrique Fernández, César Charlone • **Elenco:** César Troncoso, Virginia Méndez, Mario Silva, Virginia Ruiz, Nelson Lence, Jose Arce, Rosario dos Santos
Roteiro: Enrique Fernández, César Charlone • **Fotografia:** César Charlone •
Música: Gabriel Casacuberta, Luciano Supervielle • **Duração:** 90 min. • **Prêmios:** Festival de Gramado 2007 [da competição latino-americana: troféu Kikito de ator, atriz e roteiro, prêmio da crítica e prêmio do público]; Mostra Internacional de Cinema de São Paulo 2007 (troféu Bandeira Paulista de melhor filme); Festival de San Sebastián 2007 (prêmio Horizonte); Festival do Cinema Mexicano de Guadalajara 2008 (prêmio Mayahuel de melhor primeiro trabalho pelo júri ibero-americano); Festival de Cinema Latino-Americano de Huelva 2007 (troféu Colon de Prata de melhor roteiro); Festival de Cinema Latino-Americano de Lleida 2008 (melhor primeiro trabalho; prêmio TVE)



O Engenho de Zé Lins

Perfil do escritor paraibano José Lins do Rego, desde os tempos de infância, num ambiente que imortalizaria em romances como “Menino do Engenho”, até sua maturidade e glória literária. O documentário, lançado no ano do cinquentenário do falecimento do escritor, apresenta o homem solidário e afetivo, o amante apaixonado pelas coisas simples da vida. Narração do ator Othon Bastos e depoimentos, entre outros, dos cineastas Júlio Bressane e Walter Lima Jr. e do escritor e jornalista Carlos Heitor Cony. O fotógrafo Walter Carvalho é irmão do diretor Vladimir Carvalho, ambos paraibanos.

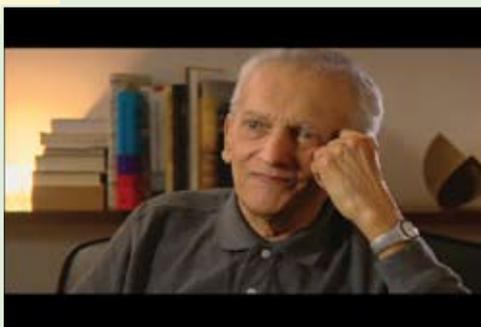
Direção: Vladimir Carvalho • **Roteiro:** Vladimir Carvalho • **Fotografia:** Walter Carvalho, Jacques Cheuiche, João Carlos Beltrão, Waldir de Pina, Lula Carvalho
Música: Leo Gandelman e Nico Rezende, sobre tema de Thiago de Mello • **Duração:** 81 min. • **Prêmios:** Festival de Brasília 2007 (troféu Candango de montagem para Renato Martins e Vladimir Carvalho; prêmio especial do júri)



O Guerreiro Didi e a Ninja Lili

No início do século 20, Lili é a filha de um jovem oficial europeu convocado para a guerra. Um mestre oriental se torna responsável pela educação da menina, em especial na milenar arte dos ninjas. Ele envia Lili de volta à Europa para que seja criada pela única parente que está viva, sua milionária tia materna Morgana. Mas a menina não está sozinha: o mestre pede para que o atrapalhado Didi proteja a pequena ninja. Esta fita de Renato Aragão está repleta de referências cinematográficas.

Direção: Marcus Figueiredo, Paulo Aragão Neto • **Elenco:** Renato Aragão, Lívia Aragão, Marcello Novaes, Vanessa Lóes, Rodrigo Hilbert, Werner Schünemann, Daniele Suzuki • **Roteiro:** Renato Aragão, Marcus Figueiredo, Guto Franco • **Fotografia:** Cezar Moraes • **Música:** Torquato Mariano • **Duração:** 102 min.



O Longo Amanhecer Uma Cinebiografia de Celso Furtado

Uma análise das idéias do economista Celso Furtado e de sua participação em diversos projetos desenvolvidos no Brasil a partir dos anos 1940. Através de imagens de época e de depoimentos de intelectuais (como, entre outros, de Hélio Jaguaribe e da economista Maria da Conceição Tavares), é formado um panorama da história recente do Brasil. A espinha dorsal do documentário está numa longa entrevista feita com o economista em 2004, cinco meses antes de sua morte. O diretor José Mariani empresta o título de um livro do próprio Furtado, publicado em 1999.

Direção: José Mariani • **Roteiro:** José Mariani • **Fotografia:** Guy Gonçalves • **Música:** Aluisio Didier • **Duração:** 73 min.



O Mundo Nikkei Os Brasileiros do Outro Lado do Mundo

Nikkei é a palavra japonesa que denomina os descendentes de japoneses em outros países. O documentário, que integra as comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, apresenta o Japão moderno e seus contrastes com a tradição milenar, além das raízes históricas do encontro entre Brasil e Japão. O filme mostra as influências da cultura brasileira na sociedade japonesa ao longo das décadas e como os brasileiros contribuem para a sociedade japonesa atual. As músicas do filme são interpretadas por instrumentos japoneses e brasileiros.

Direção: Yuri Sanada • **Roteiro:** Yuri Sanada, Vera Sanada
Música: Kodiak Bachine • **Duração:** 78 min.



O Retorno

Em 1958, Rodolfo Nanni realizou, juntamente com Josué de Castro, o documentário histórico O Drama das Secas. Agora, meio século depois, Nanni retorna ao Nordeste para percorrer o mesmo trajeto e retratar a vida dos pequenos agricultores que lutam pela sobrevivência de suas famílias. Apesar do otimismo de alguns entrevistados, ele verifica estarrecido que poucas coisas mudaram para melhor no sentido estrutural. A mezzo-soprano Anna Maria Kieffer, esposa de Nanni, parte de composições típicas locais para criar uma rica paisagem sonora.

Direção: Rodolfo Nanni • **Roteiro:** Rodolfo Nanni • **Fotografia:** Roberto Santos Filho • **Música:** Anna Maria Kieffer • **Duração:** 75 min. • **Prêmios:** Cine PE 2008 (troféu Calunga de direção e de fotografia)



O Signo da Cidade

O cenário é São Paulo. Gil é casado, mas se sente só. Lydia flerta com o perigo. Josialdo nasceu para ser mulher. Mônica só quer se dar bem. No programa noturno de rádio, que atende ouvintes anônimos, a astróloga Teca se perde entre os anseios dos outros e os próprios problemas. Aos poucos, o destino enreda a todos numa única teia e eles descobrirão o poder transformador da solidariedade. Com produção de Carlos Alberto Riccelli (em sua segunda direção) e Bruna Lombardi (em seu segundo roteiro), o filme também marca a estréia como ator e diretor-assistente do filho do casal, Kim Riccelli.

Direção: Carlos Alberto Riccelli • **Elenco:** Bruna Lombardi, Malvino Salvador, Juca de Oliveira, Graziela Moretto, Denise Fraga, Eva Wilma, Fernando Alves Pinto, Sidney Santiago, Kim Riccelli, Cristina Mutarelli, Ana Rosa, Selma Egrei, Iara Jamra, Paulo Betti • **Roteiro:** Bruna Lombardi • **Fotografia:** Marcelo Trotta
Música: Sérgio Bártolo, Zé Godoy • **Duração:** 95 min.



O Tempo e o Lugar

A vida do agricultor Genivaldo da Silva, na região semi-árida de Alagoas, foi marcada por militâncias. Integrante do MST, ele saiu do movimento por discordar de suas práticas de luta, que incluíram um treinamento em guerrilha com o grupo peruano Sendero Luminoso. Ele passou pela Pastoral da Terra e militou no PT, de onde acabou expulso. Genivaldo agora revê essas experiências, que sacrificaram sua vida familiar e causaram divisões entre os filhos. E continua em busca de uma atuação independente na organização de comunidades agrícolas, algumas das quais ajudou a formar.

Direção: Eduardo Escorel • **Roteiro:** Eduardo Escorel
Fotografia: Ricardo Stein • **Duração:** 97 min.



Olho de Boi

A tragédia de Édipo Rei é livremente recriada no sertão típico de Guimarães Rosa. Modesto e seu protegido Cirineu, dois peões da fazenda, embrenham-se no sertão em busca de vingança. Modesto sofre com a suspeita de que sua mulher Evangelina o está traindo. Realidade ou não, o ciúme se transforma em ódio e, alimentado por provocações de Cirineu, conduz a um final trágico. A bela trilha sonora é assinada pela dupla de violonistas Fernando Melo e Luiz Bueno, o Duofel.

Direção: Hermano Penna • **Elenco:** Genézio de Barros, Gustavo Machado, Angelina Muniz, Cacá Amaral • **Roteiro:** Marcos Cesana • **Fotografia:** Ulrich Burtin
Música: Duofel • **Duração:** 72 min. • **Prêmios:** Festival de Gramado 2007 (troféu Kikito de ator para Gustavo Machado e de roteiro)



Onde Andará Dulce Veiga?

O romance homônimo de Caio Fernando Abreu é adaptado nesta co-produção entre Brasil e Chile. A atriz e cantora Dulce Veiga fez sucesso durante um curto período de tempo e depois desapareceu misteriosamente. Ao entrevistar a jovem roqueira Márcia, o escritor que trabalha como jornalista de variedades Caio descobre que ela é filha de Dulce Veiga, de quem era fã. Ele publica uma crônica contando suas lembranças da estrela, o que gera enorme repercussão. Ao mesmo tempo, o jornalista fica cada vez mais obcecado pela personalidade da filha lésbica de Dulce Veiga.

Direção: Guilherme de Almeida Prado • **Elenco:** Maitê Proença, Carolina Dieckmann, Eriberto Leão, Christiane Torloni, Nuno Leal Maia, Carmo Della Vecchia, Oscar Magrini, Júlia Lemmertz, Imara Reis, Matilde Mastrangi, John Herbert, Cacá Rosset
Roteiro: Guilherme de Almeida Prado • **Fotografia:** Adrian Tejido • **Música:** Hermelino Neder, Newton Carneiro • **Duração:** 135 min. • **Prêmios:** I Festival Paulínia de Cinema 2008 (melhor figurino para Fábio Namatame)



Orquestra dos Meninos

Em janeiro de 1995, um jovem músico de 13 anos, integrante da Orquestra Sinfônica do Agreste da pequena cidade de São Caetano, a 150 km de Recife, é seqüestrado. Os policiais acreditam que o responsável é o criador da orquestra, o maestro Mozart Vieira. Com a acusação, o trabalho realizado até então com a comunidade carente da cidade corre o risco de desaparecer. Baseado na história real da orquestra sinfônica de meninos fundada pelo maestro Mozart Vieira. As filmagens, porém, ocorreram em Sergipe.

Direção: Paulo Thiago • **Elenco:** Murilo Rosa, Priscila Fantin, Othon Bastos, Laís Corrêa, Gustavo Gasparani, Olga Machado • **Roteiro:** Melanie Dimantas, Graciela Maglie, Paulo Thiago • **Fotografia:** Guy Gonçalves • **Música:** Paulo Sérgio Santos
Duração: 95 min.



Os Desafinados

Na década de 60, Joaquim, Dico, Davi e PC são jovens músicos e compositores que partem do Rio de Janeiro para Nova York em busca de sucesso. Lá eles formam o grupo chamado Os Desafinados e integram o movimento que lançou a bossa nova. Ao longo dos anos, eles acompanham as mudanças do cenário político e musical do Brasil. A nostalgia e o romantismo que permeiam o filme ajudaram o cineasta Walter Lima Jr. a estreitar sua obra em meio às comemorações dos 50 anos da bossa nova. Rodrigo Santoro canta de fato em suas cenas.

Direção: Walter Lima Jr. • **Elenco:** Rodrigo Santoro, Cláudia Abreu, Selton Mello, Alessandra Negrini, Ângelo Paes Leme, Jair de Oliveira, André Moraes, Genésio de Barros, Antonio Pedro, Vanessa Gerbelli, Renato Borghi, Ailton Graça • **Roteiro:** Walter Lima Jr., Elena Soarez, Suzana Macedo • **Fotografia:** Pedro Farkas • **Música:** Wagner Tiso • **Duração:** 139 min. • **Prêmios:** Cine Ceará 2008 (melhor trilha sonora); I Festival Paulínia de Cinema 2008 (melhor atriz para Cláudia Abreu, ator coadjuvante para Ângelo Paes Leme e prêmio especial do júri); Festival de Cinema Mexicano de Guadalajara 2008 (troféu Mayahuel de fotografia)



Os Porralokinhas

Durante um ritual em 1970, uma indiazinha é salva por um pajé graças aos poderes mágicos de um talismã em forma de sapo que é cobiçado por Pierre Caiman. Ao tentar capturar o talismã, Pierre fere o pajé, que lhe roga uma maldição: nascerá diariamente uma escama sobre seu corpo até que ele se torne um homem-jacaré. Auxiliada por um explorador, a indiazinha foge pela mata com o talismã. Já em 2006, no Rio de Janeiro, o casal Magali e Beto discute onde serão as férias dos filhos Bena e Lulu. A menina, após uma crise de sonambulismo, revela que tem sonhos com o tio Maneco, que faz parte da infância do pai. Este é o quarto filme com o clássico personagem Tio Maneco (Flávio Migliaccio), depois de *Aventuras com Tio Maneco* (1971), no qual o diretor Lui Farias integrou o elenco, *O Caçador de Fantasma* (1975) e *Maneco, o Super Tio* (1978).

Direção: Lui Farias • **Elenco:** Heloísa Perissé, Lúcio Mauro Filho, Flávio Migliaccio, Denise Fraga, Antonio Calloni, Márcia Cabrita, Maria Clara Gueiros • **Roteiro:** Lui Farias, Melanie Dimantas, Bernardo Guilherme, Riva Faria • **Fotografia:** Jacob Solitrenick • **Música:** Dado Villa-Lobos • **Duração:** 80 min.



Otávio e as Letras

Otávio silencia todas as palavras e tem um método especial de captura da beleza feminina. Ele é um homem solitário que vive em São Paulo e tem muitas manias – uma delas é deixar em locais públicos “pacotes” com recados e poesias concretas feitas a partir de jornais, revistas e anúncios publicitários. O filme também acompanha uma jovem fotógrafa que observa seus vizinhos à distância pela objetiva de sua máquina. Ambos os personagens alimentam um tipo de obsessão, o tema maior do filme.

Direção: Marcelo Masagão • **Elenco:** Donizete Mazonas, Arieta Corrêa, Fábio Malavoglia • **Roteiro:** Andrea Menezes, Marcelo Masagão • **Fotografia:** Tiago Lage • **Música:** Wim Mertens • **Duração:** 83 min.



Panair do Brasil

Com narração do ator Paulo Betti, o documentário resgata a história da Panair do Brasil, a empresa pioneira na aviação comercial brasileira. Tendo seu auge durante o governo Juscelino Kubitschek, a empresa passou a ser perseguida durante a ditadura militar até ter suas linhas aéreas cassadas, em 1965 (depois de 35 anos de atividades). Mostra-se também como a empresa vive ainda hoje no coração da chamada “Família Panair”, composta por ex-funcionários e seus descendentes, que sonham com a volta de seus aviões aos céus. O filme parte do livro-reportagem “Pouso Forçado”, de Daniel Sasaki, e conta com depoimentos, entre outros, do jornalista Artur da Távola [1936-2008], do senador Eduardo Suplicy e da atriz Norma Bengell.

Direção: Marco Altberg • **Roteiro:** Marco Altberg, Daniel Sasaki • **Fotografia:** Tota Paiva • **Música:** Tuninho Galante • **Duração:** 70 min.



Pequenas Histórias

Na varanda de uma fazenda, uma senhora conta quatro histórias tomadas pelo imaginário mineiro enquanto corta e costura retalhos de uma grande colcha com imagens ilustrativas das tramas. A primeira envolve a sereia Iara, que ajuda um pescador mal-sucedido a encontrar peixes nas águas das cachoeiras da Serra do Cipó – ele se apaixona e ela promete casamento. Nas outras histórias, há uma procissão de mortos, a relação de um homem burro com seu burro animal e as desventuras em Belo Horizonte de um homem vestido de Papai Noel.

Direção: Helvécio Raton • **Elenco:** Marieta Severo, Patrícia Pillar, Paulo José, Gero Camilo, Maurício Tizumba • **Roteiro:** Helvécio Raton • **Fotografia:** Paulo Jacinto dos Reis, Antônio Luís • **Música:** André Baptista • **Duração:** 80 min.
Prêmios: I Festival Paulínia de Cinema 2008 (melhor ator para Paulo José e melhor roteiro)



Polaróides Urbanas

Baseada na peça teatral de sucesso “Como Encher um Biquíni Selvagem”, de Miguel Falabella, a comédia dramática marca sua estréia como diretor e roteirista de cinema. Uma jovem em conflito com a mãe, uma terapeuta incapaz de resolver seus próprios problemas, uma dona de casa de classe média que não sabe mais sonhar, uma atriz consagrada cuja carreira está em decadência e uma mulher que, sem querer, foi escolhida como mãe da filha de sua patroa: a vida destas mulheres e de seus respectivos maridos, namorados e amigos se cruzam no Rio de Janeiro.

Direção: Miguel Falabella • **Elenco:** Marília Pêra, Arlete Salles, Natália do Valle, Neusa Borges, Juliana Baroni, Otávio Augusto, Marcos Caruso, Alexandre Slaviero, Stela Miranda, Jacqueline Laurence, Berta Loran, Ingrid Guimarães • **Roteiro:** Miguel Falabella • **Fotografia:** Gustavo Hadba • **Música:** Guto Graça Mello
Duração: 82 min. • **Prêmios:** Miami Brazilian Film Festival 2007 (troféu Lentes de Cristal de atriz para Marília Pêra e de roteiro; prêmio do público)



PQD

No período de um ano e meio, acompanha-se o serviço militar de 70 jovens num quartel da Brigada Pára-Quedista na Vila Militar, zona oeste do Rio de Janeiro. O resultado é um filme sobre o “estar no Exército”, um olhar sobre a vida de jovens que, pela primeira vez longe de suas casas, precisam se adaptar a uma instituição ordeira num país que as despreza. Eles terão de aprender a conviver com a ordem e a disciplina. O filme cria curiosa parêntese com o documentário Brigada Pára-Quedista, de Evaldo Mocarzel, também selecionado para a retrospectiva.

Direção: Guilherme Coelho • **Roteiro:** Nathaniel Leclery, Márcia Watzl, Guilherme Coelho • **Fotografia:** Alberto Bellezia • **Duração:** 90 min.



Remissão

A trama situa-se no ano de 1910, quinze anos após o suicídio de um jovem num vilarejo do interior do Brasil. Os moradores da região são surpreendidos pela chegada de um médico recém-formado, Ulisses Maia, que tem impressionante semelhança física com o morto. Todos buscam no presente respostas caladas no passado do suicida, confundindo-o com o forasteiro, que se vê envolvido num intrincado quebra-cabeças. As situações que acontecem em 1910 foram registradas em preto-e-branco de alto contraste, enquanto que as lembranças dos personagens se dão em cores vivas.

Direção: Sílvio Coutinho • **Elenco:** Imara Reis, Léa Garcia, Alexandre Piccini, Kayky Brito, Analu Silveira, Breno Moroni, Sthefany Brito • **Roteiro:** Sílvio Coutinho
Fotografia: Dib Lutfi • **Música:** Mário Makaiba, Breno Pessurno • **Duração:** 91 min.



Romance do Vaqueiro Voador

Documentário poético baseado no poema homônimo de João Bosco Bezerra Bonfim, que trata da recriação do universo mítico do nordestino ao vivenciar a nova diáspora no papel de candango, protagonizando o lado trágico da epopéia da construção da nova capital do Brasil. O ator Luiz Carlos Vasconcellos faz as vezes do “vaqueiro voador”.

Direção: Manfredo Caldas • **Roteiro:** Manfredo Caldas, Sérgio Moriconi
Fotografia: Waldir de Pina • **Música:** Marcus Vinícius • **Duração:** 71 min.
Prêmios: Festival de Toulouse 2008 (prêmio Signis de melhor documentário)



Serras da Desordem

Este filme é baseado numa história real, sendo interpretado pelas mesmas pessoas que passaram pelas situações exibidas, com exceção da atriz Talita Rocha como uma professora. Carapirú é um índio nômade, que escapou de um ataque de fazendeiros. Durante dez anos, ele perambula sozinho pelas serras do Brasil central, até ser capturado em novembro de 1988, a 2000 km de distância do ponto de partida. Levado a Brasília pelo sertanista Sydney Ferreira Possuelo, em uma semana ele se torna manchete e polêmica por todo país. Na tentativa de identificar sua origem, ele reencontra um filho, com quem retorna ao Maranhão. Mas o que Carapirú encontra então não combina mais com sua vida nômade.

Direção: Andrea Tonacci • **Roteiro:** Andrea Tonacci, Sydney Possuelo, Wellington Figueiredo • **Fotografia:** Aloysio Raulino, Alziro Barbosa, Fernando Coster
Música: Rui Weber • **Duração:** 135 min. • **Prêmios:** Festival de Gramado 2006 [troféu Kikito de filme, direção e fotografia]



Sexo com Amor?

Jorge e Mônica formam um casal sofisticado, de classe alta. Jorge é um renomado escritor, que tem o amor e o sexo como temas recorrentes no trabalho e que mantém um caso secreto com Luísa, professora de seu filho. Pedro e Mara formam um casal simples e suburbano, que tem problemas de auto-estima. Mara sente-se velha e com isso perdeu o apetite sexual, o que faz com que Pedro se sinta rejeitado. Rafael e Paula formam um jovem casal de classe média, que já tem uma filha e esperam para breve um outro. Rafael é pai dedicado e marido amoroso, mas não consegue resistir a um rabo de saia. Até que um dia descobre que Paula o traiu e, pior, com um amigo. Estréia de Wolf Maya na direção de cinema.

Direção: Wolf Maya • **Elenco:** José Wilker, Reynaldo Gianecchini, Carolina Dieckmann, Marília Gabriela, Malu Mader, Eri Johnson, Maria Clara Gueiros, Ítalo Rossi, Alexandre Piccini, Danielle Winits, Erom Cordeiro, Guilhermina Guinle, Mara Manzan, Nanda Costa, Odilon Wagner • **Roteiro:** Renê Belmonte • **Fotografia:** Renato Padovani • **Música:** Guto Graça Mello • **Duração:** 90 min.



Show de Bola

Esta co-produção com a Alemanha marca a estréia do alemão Alexander Pickl na direção de longas e é protagonizada por Thiago Martins, que repete o cenário de favela carioca de seu posterior Era Uma Vez... [também selecionado na retrospectiva]. Em meio à violência da favela em que vive, Tiago vê como única saída se tornar um jogador de futebol e assim ajudar sua família a melhorar de vida. Mesmo sendo o melhor jogador do pedaço, com boas chances de ser descoberto por um olheiro, ele precisa lidar com Tubarão, líder da gangue mais poderosa da favela que deseja que Tiago trabalhe como traficante. Para complicar, ele se apaixona por Juliana, a irmã de Tubarão.

Direção: Alexander Pickl • **Elenco:** Thiago Martins, Luís Otávio Fernandes, Lui Mendes, Naima Santos, Arthur Bispo, Sandra Pêra, Ralf Richter • **Roteiro:** Nick Weisman, Renê Belmonte • **Fotografia:** Arie Van Dam • **Música:** grupo Revelação, Marcelo D2, outros • **Duração:** 101 min.



Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos

A história da Guerra de Canudos contada pelos olhos de filhos de conselheiristas. O filme conta com a participação do único homem vivo que conheceu Antonio Conselheiro. O diretor Paulo Fontenelle tomou conhecimento da história dos sobreviventes da Guerra de Canudos ao rodar seu filme anterior, Evandro Teixeira - Instantâneos da Realidade [2004]. O diretor gravou cerca de vinte horas de depoimentos com os personagens do filme, todos entre 88 e 110 anos. O documentário utiliza também fotos de Flávio de Barros, fotógrafo contratado pelo Exército para cobrir a guerra, e de Evandro Teixeira, que integram seu livro “Canudos 100 Anos”.

Direção: Paulo Fontenelle • **Roteiro:** Paulo Fontenelle • **Fotografia:** Cleisson Vidal, Mário Bredariol • **Música:** Marcos Souza • **Duração:** 78 min. • **Prêmios:** 10ª Mostra Internacional do Filme Etnográfico 2005 (prêmio OCIC)



Última Parada 174

O nosso candidato a finalista ao Oscar 2009 de filme estrangeiro é uma co-produção entre Brasil e França e dramatiza, com algumas liberdades, a tragédia do jovem que sobreviveu à chacina da Candelária, mas que, depois de uma vida de privações, terminou sua vida seqüestrando o ônibus 174 no Rio de Janeiro, em junho de 2000. O diretor Bruno Barreto interessou-se pela história após assistir ao documentário Ônibus 174 [2002], de José Padilha. É pela primeira vez em sua carreira, ele trabalhou com não-atores ou atores com pouca experiência, vindos de grupos teatrais de comunidades carentes do Rio de Janeiro.

Direção: Bruno Barreto • **Elenco:** Michel Gomes, Marcello Melo Jr., Gabriela Luiz, Cris Vianna, Anna Cotrim, Douglas Silva, André Ramiro • **Roteiro:** Bráulio Mantovani
Fotografia: Antoine Heberlé • **Música:** Marcelo Zarvos • **Duração:** 110 min.



Valsa para Bruno Stein

Bruno Stein vive com a família num local isolado. Verônica, sua neta, sonha em sair dali. Valéria, sua nora, tenta se conformar com a solidão, já que o marido é caminhoneiro e passa semanas fora. Já Bruno chegou ao Brasil após a Segunda Guerra e sente agora que está no fim de sua vida. Ele tenta se envolver com o trabalho, mas nada mais o motiva. Até que a chegada de Gabriel, um novo empregado, reacende sua alegria de viver. Baseado no romance homônimo do escritor gaúcho Charles Kiefer, publicado em 1986.

Direção: Paulo Nascimento • **Elenco:** Walmor Chagas, Ingra Liberato, Araci Esteves, Carmen Silva, Nicola Siri, Leonardo Machado, Clemente Viscaíno • **Roteiro:** Paulo Nascimento • **Fotografia:** Roberto Laguna • **Música:** André Trento • **Duração:** 95 min. • **Prêmios:** Festival de Gramado 2007 (Kikito de atriz para Ingra Liberato)

CICLO DE CONFERÊNCIAS

*Cinema Brasileiro:
Desafios Culturais e Econômicos*

Transmissão ao vivo
pelo portal do SESC São Paulo
www.sescsp.org.br



Programação

Dia 13 - Sábado

09h30

Abertura

Daniilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC SP

10h

“A atual gestão da Ancine e a internacionalização do cinema brasileiro”

Alberto Flaksman

Assessor internacional da ANCINE, além de coordenar o curso de Formação Executiva em Cinema e TV [Film & Television Business] da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Ex-Superintendente da Embrafilme. Foi diretor e produtor executivo da Videofilmes.

11h30

“Co-produções internacionais”

Steve Solot

Ex-vice-presidente sênior da MPA para a América Latina. Sócio da LATC – Latin American Training Center

13h

Discussões Finais

Alessandra Meleiro

Pós-doutoranda University of London/ Cebrap
Presidente Instituto Iniciativa Cultural

13h15 / 14h30

Almoço

14h30

“Cinema e política: a política externa e a promoção do cinema brasileiro no mercado internacional”

Marco Farani

Diplomata (Itamaraty - Agência Brasileira de Cooperação)

16h

Discussões Finais

José Márcio Mendonça

Ex-Diretos Superintendente e Diretor de Jornalismo da Rádio Eldorado de São Paulo. Vice-presidente Instituto Iniciativa Cultural

Dia 14 - Domingo

10h

“Panorama da distribuição dos filmes brasileiros”

Marcelo Ikeda

Coordenador Ancine – Superintendência de Acompanhamento de Mercado

“Legislação e mercado para o audiovisual no Brasil”

Carlos Augusto Calil

Secretário Municipal de Cultura e professor da Escola de Comunicações e Artes/USP

11h30

“Teorizando a recepção doméstica dos cinemas nacionais”

Fernando Mascarello

Coordenador do curso de Especialização em Cinema da Unisinos, organizador do livro *História do Cinema Mundial e Cinema mundial contemporâneo*

Discussões Finais

José Márcio Mendonça

Ex-Diretos Superintendente e Diretor de Jornalismo da Rádio Eldorado de São Paulo. Vice-presidente Instituto Iniciativa Cultural

13h15 / 14h30

Almoço

14h30

“Cinema transnacional e desenvolvimento da indústria”

Stephanie Denílson

Reader in Brazilian Studies - Dept Spanish, Portuguese and Latin American Studies/ University of Leeds

16h

Interconexões filme, música popular e televisão no cinema brasileiro

Kátia Maciel

Doutora em Film Studies pela Southhaptom University

17h30

Discussões Finais

Alessandra Meleiro

Pós-doutoranda University of London/ Cebrap

Cinema Brasileiro: Desafios Culturais e Econômicos

Refletir sobre a potencialidade artística e empresarial da cinematografia nacional, bem como sobre a dimensão, também potencial, de seu mercado é a pretensão do ciclo “Cinema Brasileiro: Desafios Culturais e Econômicos”. Suas conferências, apresentadas por nomes de inquestionável relevância no panorama nacional e internacional, destinam-se a explorar como as práticas econômicas e culturais moldam o fluxo, a produção e o consumo de filmes brasileiros.

O Ciclo ocorre juntamente à “Retrospectiva do Cinema Brasileiro”, que traz 68 longas-metragens lançados entre novembro de 2007 e novembro de 2008. Destes, 24 são documentários, revelando um grande aumento da produção deste gênero para lançamento em salas de cinema.

O conferencista Marcelo Ikeda irá mapear as causas desse fenômeno, sustentando a tese de que a performance dos documentários nacionais lançados tem nítida influência do tipo de distribuição adotado. Se até 2001 praticamente todos os documentários eram lançados pela Riofilme, atualmente o perfil de distribuição é mais diversificado, com a entrada de distribuidoras independentes e de produtoras que ingressaram na distribuição dos seus próprios filmes.

A exibição digital também é uma realidade que aumenta a possibilidade de um documentário ser lançado comercialmente, ainda que restrito a poucas salas e com apelo comercial sensivelmente mais reduzido em relação aos filmes de ficção.

O apelo comercial dos filmes brasileiros é um ponto delicado, já que a produção nacional encontra grande dificuldade para ser consumida. Em 2008, o cinema nacional não chegou

a ocupar 7% da bilheteria, em parte pela existência de um circuito exibidor voltado apenas a um público elitizado, mas também por explicações mais subjetivas sobre a recepção doméstica.

Ainda na mesma linha, questões essenciais, como o que pensa e espera o público nacional de “seu” cinema e que lugar este ocupa em seu imaginário são formuladas – e respondidas – por Fernando Mascarello.

Carlos Augusto Calil, em sua apresentação, de alguma maneira responde a essa inquietação de Mascarello (e nossa) quando revive um momento – o ano de 2003 – em que houve grande demanda do público pelo produto brasileiro, e que coincide com a entrada da Globofilmes no mercado. Este fato foi determinante para o crescimento do *market share* do filme brasileiro, que atingiu a expressiva cifra de 22%. Excetuando-se este ano de 2003, no período 1995-2007, o *market share* da produção nacional esteve em níveis não superiores a 15%, resultado aquém do esperado pelo modelo de incentivo adotado em 1995.

Stephanie Dennison, em suas reflexões sobre a utilidade do conceito de ‘cinema nacional’ no contexto da produção cinematográfica brasileira enfatiza que, para o cineasta, não se trata apenas de expressar-se criativamente através de filmes, mas sim, de participar de um projeto coletivo maior, ou seja, a consolidação do cinema nacional.

A consolidação do cinema nacional está diretamente associada com as diversas políticas públicas voltadas para o setor audiovisual, que são abordadas em profundidade por Calil, que traça um histórico da legislação e da intervenção

do Estado nos negócios do cinema e a atenção estatal aos aspectos industriais e comerciais da atividade cinematográfica desde a década de vinte.

Uma estratégia, apontada por Kátia Maciel, para o fortalecimento do cinema nacional no mercado brasileiro seria a adoção de interconexões estéticas e industriais entre mídias através de “franchise *cross-media*”, o que possibilitaria que filmes gerassem produtos associados em diversas plataformas midiáticas, como CDs, DVDs, livros, programas de televisão, páginas na Internet, etc.

Importante citar que, no mês em que se realiza este Ciclo de Conferências, ocorreu o lançamento de uma nova modalidade de investimentos por parte do Estado em toda a cadeia produtiva da atividade audiovisual, o Fundo Setorial do Audiovisual.

Mesmo em meio à atual crise financeira global, o governo aposta no financiamento público para a produção audiovisual acreditando que o setor pode promover a geração de emprego, o crescimento econômico e até exportações de bens e serviços, com efeitos multiplicadores positivos na economia nacional – argumentos também defendidos por Steve Solot.

Com o Fundo Setorial do Audiovisual entra em cena o desempenho comercial das obras audiovisuais, bem como a capacidade gerencial das empresas produtoras. Trata-se de uma mudança de paradigma de financiamento das atividades audiovisuais no Brasil que, em uma análise bastante otimista, poderá levar ao crescimento do mercado e de investimento privado.

Ainda em defesa da consolidação da indústria, Solot apresenta algumas estratégias de co-produção internacional para o desenvolvimento do audiovisual no Brasil, enfatizando ser estratégico que o país passe a ter acesso aos mercados globais.

Para o cinema brasileiro atingir mercados do exterior, conforme afirma Marco Farani, faz-se necessária uma ação coordenada por parte do Estado, que vá além dos mecanismos atualmente existentes, e da qual o Itamaraty não pode estar ausente. Para ele, o Itamaraty pode e deve impulsionar e apoiar a internacionalização do cinema brasileiro através de uma política diplomática eficaz, o que pode vir a representar importante capital político para o país.

Não é objetivo deste Ciclo de Conferências equacionar todos os desafios enfrentados pela indústria cinematográfica brasileira – tarefa demasiado ampla. No entanto, através de informações e entendimento crítico – e partindo do pressuposto de que os aspectos políticos, econômicos, culturais e sociais são interdependentes –, espera-se compreender as mudanças mais significativas da área cinematográfica, apontar tendências para o setor e sugerir caminhos para o futuro.

Alessandra Meleiro

Pós-doutoranda em Film Studies University of London/ Cebrap. Autora do livro “O Novo Cinema Iraniano: uma opção pela intervenção social”, e organizadora da coleção de livros “Cinema no mundo: indústria, política e mercado”, todos lançados pela Editora Escrituras. Presidente Instituto Iniciativa Cultural.

Estratégias de co-produção internacional para o desenvolvimento do audiovisual no Brasil

“Co-produção” é um termo abrangente que pode ser aplicado a qualquer forma de colaboração financeira, criativa ou técnica envolvida na realização de uma obra audiovisual. Existem várias configurações de co-produção audiovisual entre os setores público e privado de um país, ou entre um ou mais países, em função da forma de participação e acordos contratuais entre as partes, mas todos podem ser classificados em duas categorias: co-produção entre partes privadas ou co-produção utilizando um tratado bilateral ou multilateral assinado entre os governos dos países participantes.

Um filme qualificado por um tratado de co-produção recebe duas ou mais “nacionalidades” nos respectivos territórios, e passa, assim, a estar credenciado aos incentivos fiscais nacionais e a outras formas de apoio governamental voltados para a promoção da produção, distribuição e/ou exibição cinematográfica. Uma co-produção apenas entre partes privadas obedece estritamente às cláusulas dos contratos e pode oferecer mais flexibilidade em negociação e menos burocracia que uma co-produção dentro de um marco de um tratado, embora sem gozar de benefícios fiscais outorgados a filmes nacionais de cada país.

Os acordos de co-produção internacionais e os incentivos fiscais nacionais operam como duas ferramentas essenciais para a concretização dos objetivos políticos para o desenvolvimento de uma indústria audiovisual sustentável, além de promover a diversidade cultural e a educação audiovisual. Os tratados possibilitam a produção da maioria dos filmes voltados para o público internacional e são componentes significativos e crescentes na criação de políticas regula-

tórias audiovisuais pelos governos. Os incentivos fiscais e os subsídios para a produção cinematográfica e televisiva estão previstos nas normas para o comércio internacional da Organização Mundial do Comércio OMC (GATT), e rapidamente assumiram um papel essencial no estímulo da produção, assim como da distribuição e exibição, de conteúdo audiovisual no ambiente digital globalizado de hoje.

No lugar das políticas de proteção dos mercados domésticos através de restrições e barreiras contra importações, no final do século XX começa a surgir uma série de legislações na América Latina para promover a produção audiovisual através da atração de capital externo. A lógica dessas políticas conduz o setor audiovisual, tanto cinema como televisão, a competir diretamente nos mercados locais e internacionais, além de promover a circulação internacional de bens e serviços do setor audiovisual. Embora a cultura e a identidade nacional permaneçam como fatores significativos na confecção da nova legislação audiovisual, os antigos modelos protecionistas de desenvolvimento das políticas culturais não mais predominam. De fato, esta mudança nasce da percepção da importância estratégica de ter acesso aos mercados globais.

A política de promoção de co-produções internacionais figura como componente integral da política de desenvolvimento de uma indústria audiovisual nacional, que por sua vez é um dos elementos da estratégia de desenvolvimento econômico da maioria dos países. Mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, vários países, e principalmente os EUA, perceberam o valor da indústria audiovisual

como instrumento de influência cultural e crescimento econômico, e não apenas como forma de entretenimento. De fato, as indústrias criativas como um todo, e o setor de entretenimento em particular, são hoje considerados um “motor” de geração de emprego, tributação, crescimento econômico, e até exportações de bens e serviços, com efeitos multiplicadores positivos na economia nacional.

Como parte dessa tendência mundial de co-produção e distribuição de filmes nacionais, os produtores estrangeiros, especialmente dos Estados Unidos, também tiram proveito dos mecanismos de incentivos fiscais e de co-produção, e participam do crescente acesso ao financiamento audiovisual, o que contribui para a expansão da indústria audiovisual em vários países da América Latina.

O Brasil tem abraçado a tendência de co-produção internacional através de vários mecanismos como o Programa Cinema do Brasil, uma parceria entre a Apex e o Ministé-

rio da Cultura, com apoio do Itamaraty e da Ancine. Esta iniciativa permitiu a participação de produtores brasileiros em mais de 20 festivais e 20 encontros de negócios em países como Alemanha, Canadá, França, Itália e Argentina. No entanto, o Programa tem praticamente ignorado o potencial para co-produção com o cinema independente dos EUA e os produtores hispânicos, que poderia ser articulado através de entidades representativas como IFTA, IFP e NALIP.

Steve Solot

Presidente do Latin American Training Center – LATC,
Presidente do Comitê de Propriedade Intelectual, Câmara
do Comércio Americana – Rio e Ex-Vice-Presidente
Sênior na América Latina da Motion Picture Association
(MPA).

Cinema e Política: a política externa e a promoção do cinema brasileiro no mercado internacional

No momento atual, o governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sob coordenação do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim, consolida uma política externa que privilegia uma pluralidade de novos interlocutores. Ao contrário do alinhamento semi-automático com a grande potência norte-americana, característico dos últimos governos, a política atual contribui para a abertura de novos mercados para nossos produtos. Desse modo, faz-se fundamental a presença de uma política cultural ativa no exterior, por parte do Itamaraty, que ajude o país a se fazer mais conhecido por seus novos parceiros. A política cultural deve ser, cada vez mais, um instrumento de apoio à nossa política externa, e, nesse contexto, o cinema, pelas mencionadas características, é o produto cultural mais bem talhado para desempenhar este papel.

O cinema brasileiro conheceu, no decorrer do século XX, várias fases, ou surtos de crescimento, em seu esforço para industrializar-se, objetivo infelizmente ainda não alcançado. Ao se apontar a importância política do cinema, deseja-se demonstrar que um cinema brasileiro forte, social e politicamente relevante deve ser ambicionado e precisa ser alcançado. Para tanto, faz-se necessária uma ação coordenada por parte do Estado, que deve ir além dos mecanismos atualmente existentes, como as leis de incentivo, e da qual o Itamaraty não pode estar ausente.

O Ministério das Relações Exteriores tem uma função estratégica a cumprir nesta importante tarefa. O Itamaraty pode e deve se empenhar mais do que já vem fazendo na promoção de nosso cinema no exterior. Promover o cinema brasileiro

significa levar nossa língua, nossos costumes, nossos valores, nossa arquitetura, nossa riqueza natural e humana ao exterior, fazer-nos conhecer melhor, romper com os estereótipos que outros povos porventura possam ter do Brasil. Promover nosso cinema, com o potencial de informações que ele comporta, significa promover e afirmar o Brasil e sua cultura, em seu sentido mais amplo, no mundo.

Com sua extensa rede de representações no exterior, com os setores culturais das Embaixadas e Consulados e os centros de estudos, além de missões junto aos organismos multilaterais, o Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores acumulou experiência na promoção da cultura brasileira no exterior, o que o habilita perfeitamente a impulsionar e apoiar a internacionalização do cinema brasileiro.

Para dar suporte a esse processo de abertura que vem incorporando novos interlocutores, a diplomacia cultural faz-se fortemente necessária. Ela representa o elemento não só capaz de pavimentar os caminhos do diálogo político, mas sobretudo de facilitar o melhor entendimento e conhecimento entre parceiros. A política cultural tem o poder de aproximar nações, contribuindo para reduzir tensões e, sem dúvida, revitalizar relações diplomáticas entre os países.

No campo específico do cinema, que é o objeto desta apresentação, pode-se afirmar que o Ministério das Relações Exteriores já está tomando importantes providências. Há pouco mais de um ano, foi criada a Divisão do Audiovisual (DAV), com o objetivo de promover, acompanhar e coordenar iniciativas brasileiras no campo do audiovisual no exterior.

A DAV também se ocupa de apoiar a participação brasileira em festivais internacionais de cinema. Além disso, a Divisão tem tomado suas próprias iniciativas nesse campo, organizando, com grande sucesso, Semanas de Cinema Brasileiro no exterior. Logo após a criação da DAV, o Departamento Cultural tratou de revitalizar um grupo de trabalho, criado em 2003, com a participação da SAV (Minc) e da Ancine, com o objetivo de coordenar as ações governamentais no exterior e otimizar as iniciativas, além de ordenar e melhor atender as demandas do setor.

Por fim, vale lembrar que não somente no campo do cinema, mas da economia em geral, o Brasil precisa urgentemente internacionalizar-se, com vistas a romper definitivamente com o isolamento em que se encontrava, resultado de anos de inflação e de estagnação econômica. Com o alcance da almejada estabilidade da economia, fruto de um trabalho rigoroso do Banco Central, apoiado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que acertadamente apostou em medidas ortodoxas na condução de nossa economia, o país começou recentemente a conquistar mercado internacional para seus produtos e a interagir mais intensamente com outras economias, ampliando seu comércio internacional. Neste momento, é preciso que o governo brasileiro invista ainda

mais recursos e energia criativa no apoio à cultura brasileira no exterior. Faz-se necessária maior presença cultural brasileira em países que tradicionalmente já são nossos interlocutores econômicos, assim como naqueles que se transformaram recentemente em importantes parceiros comerciais do Brasil.

O fortalecimento do cinema brasileiro no exterior, resultado de uma política diplomática eficaz, não somente é possível como pode vir a representar importante capital político para o país. Não se pode esquecer que a globalização constitui excelente oportunidade para se conduzir uma política que resulte em maior inserção da cultura brasileira no plano internacional.

Marco Farani

Diplomata (Itamaraty - Agência Brasileira de Cooperação). Autor da tese Cinema e Política: a política externa e a promoção do cinema brasileiro no mercado internacional, apresentada junto ao Instituto Rio Branco - MRE

Panorama da distribuição dos longas-metragens brasileiros a partir das leis de incentivo (1995-2007)

Após o fim da política estatal de apoio ao cinema nacional com as medidas do Governo Collor, liquidando diversos órgãos setoriais, a reconstrução dos mecanismos de apoio do Estado à atividade cinematográfica passou a ocorrer numa nova base, com a criação dos mecanismos de incentivo baseados em renúncia fiscal, em que as empresas privadas realizam o aporte de capital num determinado projeto, sendo que o valor é abatido – parcial ou integralmente – no imposto devido pelas empresas. Em 1995 começaram a estrear os primeiros filmes produzidos a partir do novo modelo de incentivo. Entre 1995 e 2007 foram lançados 453 longas-metragens nacionais. No entanto, a participação da produção nacional ficou em números aquém do esperado por essa política, de cunho industrialista, cujo objetivo era a auto-sustentabilidade da indústria cinematográfica nacional. O *market share* da produção nacional, com a única exceção de 2003 (21,4%), esteve em níveis não superiores a 15%.

Analisaremos a performance dos longas-metragens nacionais lançados no período de 1995 a 2007 sob a ótica do perfil da distribuidora envolvida. Será apresentado um trabalho inédito de compilação da base de longas nacionais lançados no período mediante diversos tipos de cruzamento (número de espectadores, renda, cópias ou salas, e valores autorizados e captados por mecanismo de incentivo). Para isso, as distribuidoras de longas nacionais serão divididas em quatro categorias: • 1 – “majors” (grandes conglomerados de distribuição de origem estrangeira, associados aos estúdios

norte-americanos); • 2 – “independentes” (distribuidoras de capital nacional); • 3 – “distribuição própria” (empresas cuja atividade principal é a produção mas que ingressaram na distribuição exclusivamente com os seus próprios filmes); • 4 – “distribuidora estatal” (RioFilme). Procuraremos mostrar como a performance dos filmes nacionais lançados tem nítida influência do tipo de distribuição adotado. Em seguida, os filmes serão segmentados segundo o gênero, já que a apresentação conjunta de documentários e filmes de ficção ou animações poderia distorcer os resultados. Os primeiros possuem apelo comercial nitidamente mais reduzido e certos tipos de distribuidoras têm uma carteira com maior incidência desse tipo de produto.

Procuraremos demonstrar em que medida a separação por gênero confirma ou ratifica os resultados agregados.

Marcelo Gil Ikeda

Coordenador da Superintendência de Acompanhamento de Mercado na Agência Nacional do Cinema (ANCINE).
Mestrando em Comunicação Social pela UFF. Crítico de cinema, com ênfase na internet, em sites como o *CurtaoCurta*, *RevistaEtcetera* e *ViaPolítica*. Mantém o blog www.cinecasulofilia.blogspot.com. Curador da Mostra do Filme Livre entre 2003 e 2007.

Legislação e mercado audiovisual no Brasil

A demanda da classe cinematográfica brasileira pela intervenção do Estado nos negócios do cinema surgiu com a consciência de que o mercado interno não pertencia ao produto nacional. Os pioneiros nessa ação política foram os jornalistas – e futuros produtores – Ademar Gonzaga e Pedro Lima. Em 1927 eles já clamavam pela liberação das taxas de importação de filme virgem e defendiam a exibição compulsória de filmes brasileiros. Argumentavam que dos 14 filmes nacionais produzidos no ano anterior, nenhum havia chegado ao público. A revista *Cinearte* cunhou então o lema: “Todo filme brasileiro deve ser visto”.

No entanto, a primeira medida adotada pelo governo em 1928 foi exigir a apresentação da programação dos cinemas à censura. Somente em 1932 aparecem mecanismos de proteção: a fixação anual da proporção de filmes brasileiros a serem obrigatoriamente incluídos na programação de cada mês e a instituição de uma “taxa cinematográfica para a Educação Popular”.

A Associação Cinematográfica de Produtores Brasileiros (ACPB) formulou em 1934 uma extensa pauta de reivindicações, porém a resposta do governo só veio em 1937, com a criação do INCE – Instituto Nacional do Cinema Educativo, por inspiração do antropólogo Roquete Pinto. Nenhuma atenção foi dada aos aspectos industriais e comerciais da atividade cinematográfica.

Em 1939, a ditadura de Getúlio Vargas instituiu o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, com a incumbência de exercer o controle ideológico da mídia e da produção cultural do país. Na área do cinema, impôs a exibição compulsó-

ria de um cinejornal de propaganda do regime. Para cooptar a classe profissional, foi regulamentada a exibição obrigatória anual de um filme de longa-metragem nacional de ficção nos cinemas e criada a isenção da taxa cinematográfica para os filmes estrangeiros copiados no país. Ainda sob o mesmo regime, criou-se em 1942 o Conselho Nacional de Cinematografia, com representantes dos produtores, distribuidores, exibidores, importadores e presidido pelo diretor do DIP. Esse Conselho fixou normas ainda hoje válidas: 50% da renda líquida é o preço pago pelo exibidor ao produtor do filme nacional; 20% da receita do produtor é a remuneração pela distribuição nas grandes cidades e 30%, nas outras localidades.

Com o retorno à democracia em 1945, a quota de tela subiu para três longas metragens ao ano, chegando em 1951 à fórmula do “oito por um”. Em 1949, o governo concedia isenção de impostos de importação para aquisição de equipamentos de filmagem e exibição, medida que propiciou, no decênio seguinte, o estabelecimento em São Paulo de grandes estúdios de produção - Vera Cruz, Maristela e Multifilmes. O fracasso da experiência, após um período de euforia, deveu-se principalmente ao tabelamento pelo governo do preço dos ingressos.

Em 1955, o município de São Paulo adotava o incentivo do adicional de bilheteria de 15% sobre a renda bruta para todos os filmes exibidos na cidade com a possibilidade de acumular outros 10% quando fossem filmes de reconhecido valor técnico e artístico. Mecanismo semelhante seria instituído no Rio de Janeiro em 1964. Os índices de quota de

tela foram sendo ampliados: em 1959 atingiam 42 dias por ano, em 1963, 56 dias. As distorções, no entanto, permaneciam: o filme impresso estrangeiro custava mais barato que o filme virgem importado.

Em 1962 procurou-se transformar o distribuidor de filmes estrangeiros de adversário em aliado: ficava ele com a opção de ao invés de recolher a integralidade do imposto de renda sobre remessas de divisas para o exterior, aplicar 40% do valor do imposto de renda devido numa produção nacional, de cuja exploração comercial poderia auferir lucro. Sonhava-se com a inserção do filme brasileiro no mercado internacional, uma vez que esse produtor era geralmente filial de uma *major company* americana. Embora astucioso tal mecanismo não vingou.

Em 1966, em pleno regime autoritário militar, uma antiga aspiração da classe cinematográfica viria a se concretizar: o recém criado INC – Instituto Nacional de Cinema estabeleceu uma política de fomento da produção nacional com a concessão de prêmios seletivos e automáticos, e a fiscalização da exibição. Em 1969 nasceu uma empresa de economia mista, a Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes S.A., com o objetivo de financiar e exportar a produção. Sua principal fonte de receita era proveniente do imposto de renda sobre a remessa de lucros dos distribuidores estrangeiros.

Em 1975, um pacto entre os cineastas e o governo do general Ernesto Geisel estendeu a ação da Embrafilme ao campo da distribuição. Criou-se também o Concine – Conselho Nacional do Cinema, órgão legislador e fiscalizador. Essa Embrafilme fortalecida disputou com as filiais das *majors* as posições de destaque no faturamento – no final dos anos 1970, início dos anos 80, chegou a alcançar 35% do *market share*.

A proteção do mercado atingiu então níveis nunca antes alcançados. Entre as medidas mais significativas, embora nem sempre bem sucedidas, havia a que impedia a retirada de cartaz de um filme nacional enquanto ele estivesse obtendo receita acima da renda média do cinema, a obrigato-

riedade de exibição de filme de curta-metragem brasileiro acompanhando o longa estrangeiro, e a quota para o filme nacional no então insipiente mercado do *home video*. Essa política tinha, no entanto, limitações: jamais pôde interferir na poderosa indústria da televisão nacional; e, quando contrariava seriamente os interesses americanos, por ameaças de retaliações aos produtos nacionais nos EUA, era atropelada.

Uma Embrafilme enfraquecida, juntamente com toda a legislação que a sustentava, foi varrida do cenário político e cultural com uma simples penada do presidente da República que tomava posse em março de 1990.

A reconstrução da rede de sustentação política e econômica ao cinema foi gradual. Inicialmente, surgiram medidas de apoio financeiro à produção por alguns governos municipais e estaduais. Entre 1992 e 93, reergueu-se uma legislação no plano federal que procurava atender a duas vertentes: uma, a tradicional, que prevê a regulamentação do mercado pelo Estado, com a manutenção da quota de tela; outra, mais conforme aos ventos liberais, transferia o controle da indústria ao setor da exibição, afrouxava o critério de classificação de filme nacional e instituiu mecanismos de renúncia fiscal para incentivar a produção, por intermédio de ações de direitos de comercialização de filmes negociados na Bolsa de Valores.

A legislação em vigor [Lei do Audiovisual] mostrou-se capaz apenas de restabelecer a produção, que encontra sérias dificuldades para ser consumida, restrita que está a um circuito exibidor que atende apenas um público elitizado. O cinema brasileiro, que historicamente se alimentou nas camadas populares, perdeu-as para a televisão. Busca agora uma nova improvável aliança, com o jovem consumidor de classe média.

Em 2001, o governo federal criou a Ancine – Agência Nacional do Cinema e atualizou os valores e a incidência da Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinema-

tográfica Nacional, agora referida como Condecine. Duas modalidades chamam a atenção pelos resultados obtidos: a incidência do imposto em 11% nas remessas de lucros ao exterior, quando o contribuinte não optar pelo desconto de 70% do imposto devido ao co-produzir um filme nacional de longa-metragem, e a instituição do incentivo permitindo às emissoras de televisão por assinatura a inversão de 3% do valor do imposto devido na produção de telefilmes.

Em 2003, a entrada da Globofilmes no mercado foi determinante para o crescimento do *market share* do filme brasileiro - atingiu a expressiva cifra de 22% -, sem que o consumo de filmes estrangeiros tivesse se alterado. Explicitou-se, assim, uma demanda do público por produto brasileiro, que independe da concorrência do estrangeiro. Nesse mesmo ano, a Columbia do Brasil vendeu 23,1 milhões de ingressos, dos quais 11,1 milhões (48%) de filmes brasileiros. Desse modo, não se pode continuar dizendo que ela é exclusivamente uma *major company* distribuidora de cinema estrangeiro no Brasil - ela é igualmente a *maior* distribuidora de cinema brasileiro. Quando se examina o pagamento de royalties nesse mesmo ano, esta evidência salta à vista: R\$ 5 milhões de reais foram remetidos à matriz, enquanto que R\$ 12 milhões foram repassados a produtores nacionais.

A quota de tela, criticada por exibidores e distribuidores de filmes estrangeiros, mostrou-se indispensável, mas nem sempre suficiente, para assegurar a presença do filme brasileiro competitivo no seu próprio mercado. Atingiu 112 dias no início dos anos 1970 e, com recuos e avanços, chegou a 140 dias na segunda metade dos anos 1980. Para 2008, foi fixada em 49 dias ao ano para o cinema de seis salas.

No *front* televisivo, a força política do eficiente oligopólio das emissoras de sinal aberto continua impedindo a adoção de uma legislação moderna para o setor: o Código Brasileiro de Telecomunicações data de 1962! Em 1995, a lei da TV a Cabo foi adotada de modo a não ferir os interesses dessas emissoras. No mesmo ano, emenda constitucional separava

a regulamentação da Radiodifusão da das Telecomunicações, atendendo aos interesses dominantes no País e contrariando as tendências internacionais.

Mais recentemente, a adoção do padrão japonês para a televisão digital no Brasil seguiu os mesmos passos. Ao enfatizar apenas a alta definição e a mobilidade, não alterando a distribuição do espectro, submetia à conveniência das emissoras de sinal aberto as perspectivas de ampliação dos inúmeros agentes concorrentes. Ademais, inspiradas na primeira Hollywood, as emissoras de TV no Brasil adotam a verticalização, ao enfeixar no mesmo grupo as atividades de produção, distribuição e exibição. Tal prática foi banida da indústria americana de cinema em 1949, por ferir o princípio da livre concorrência.

Carlos Augusto Calil

Secretário Municipal de Cultura e
professor da Escola de Comunicações e Artes/USP

Bibliografia:

- PEREIRA, Geraldo Santos. *Plano Geral do Cinema Brasileiro*. Rio de Janeiro, Borsoi, 1973.
- JOHNSON, Randal. *The Film Industry in Brazil*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1987.
- SIMIS, Anita. *Estado e Cinema no Brasil*. São Paulo, Annablume, 1996.

Teorizando a Recepção Doméstica dos Cinemas Nacionais

Fora do Brasil, nos últimos 20 anos, houve forte desenvolvimento dos chamados “estudos da recepção cinematográfica”. Embora a sabida tendência, na pesquisa em cinema, de privilégio ao estético [o “texto fílmico”] em detrimento do econômico e do cultural [os “contextos” de produção e de recepção], mais e mais os pesquisadores investigam as múltiplas facetas do rico, complexo e com frequência surpreendente processo através do qual a sociedade confere sentidos aos filmes. Tal processo de construção social de sentidos, para cada filme, cada obra autoral, cada cinematografia, é um empreendimento coletivo, atravessado por relações de poder, dado historicamente e produzido por um diversificado conjunto de agentes – o público, a crítica, a indústria, os autores – atuantes nos contextos de recepção das obras.

O esforço dos acadêmicos em nível internacional – mesmo na França, bastião histórico da abordagem estética ou “textualista” ao cinema – já implicou a constituição de subáreas as mais diferentes no interior da pesquisa de recepção cinematográfica. Alguns exemplos de destaque são os estudos históricos de recepção, preocupados em agregar, à história dos filmes, a da construção social de seus sentidos; os estudos etnográficos de recepção, que apelam à metodologia como entrevistas e grupos focais dentro de uma mirada qualitativa; os estudos do “entorno fílmico”, interessados na dinâmica dos variados discursos que orbitam ao redor do filme e medeiam sua recepção, como os textos críticos e a “textualidade promocional” [campanhas de marketing, produtos conexos etc.]; e os estudos dos fãs, voltados às for-

mas mais intensas e peculiares de relação dos espectadores com obras, astros e autores.

Desafortunadamente, no Brasil, a investigação da recepção cinematográfica é ainda incipiente. Alguns passos já se têm cumprido no intuito de divulgá-la entre professores e pesquisadores de cinema e audiovisual, bem como denunciar o sedimentado “textualismo” definidor de nossa crítica acadêmica. Em grande medida vinculada ao glauberianismo/cinemanovismo e refratária ao estudo do cinema popular, esta última se exercita intelectualmente sobretudo através de uma análise fílmica negadora do aspecto social e histórico da criação dos sentidos fílmicos. Em lugar disso, sua atenção recai sobre os supostos sentidos imanentes da obra, a serem desvelados, para o comum dos mortais, pela autoridade da instância crítica.

Nesse cenário desafiador, creio que um dos objetos mais instigantes, em torno do qual poderia/deveria se desenvolver a pesquisa de recepção cinematográfica no Brasil, vem a ser o da recepção doméstica de nosso cinema nacional. Isto é: os sentidos atribuídos, por nossa sociedade, não a cada filme individual, mas ao conjunto de filmes ao qual denominamos cinema brasileiro – ou, sob outra perspectiva, o impacto social, político e cultural alcançado, no plano doméstico, por nosso cinema nacional. Em outras palavras, deveríamos buscar com urgência resposta a perguntas tão singelas e cruciais como: que pensa o público nacional do “seu” cinema? O que espera dele? Que lugar este ocupa em seu imaginário? Em que medida constitui sua identidade cultural?

No presente trabalho, promovo uma exploração teórica do fenômeno da recepção doméstica dos cinemas nacionais. Apesar de meu interesse primário pela recepção local do cinema brasileiro, lanço-me a esse projeto mais generalizante – aplicável a qualquer realidade cinematográfica nacional que não a estadunidense – em razão das possibilidades comparativas que assim se descortinam. Penso que o entendimento da relação de nosso cinema com as audiências brasileiras deva ser buscado tendo em vista as semelhanças e, principalmente, as diferenças encontradas em outros contextos nacionais não-hollywoodianos.

Minha exploração teórica procura dar conta, sobretudo, de alguns dos fatores mais relevantes – variáveis a cada cenário nacional – a influenciar a recepção dos cinemas nativos em seus contextos locais. Dentre esses fatores, o mais decisivo é possivelmente o que se tem referido como “cultura cinematográfica nacional” – ou, sob uma ótica mais ampla, “cultura audiovisual nacional”. Proponho que se deva compreendê-la, ao investigarmos a recepção dos cinemas nacionais, em termos da “presença cultural” (isto é, a circulação e o consumo) das diversas vertentes cinematográficas e audiovisuais, nacionais e estrangeiras que a constituem juntamente com o cinema nacional: 1) o cinema hollywoodiano; 2) o cinema popular de outros países estrangeiros; 3) o cinema de arte estrangeiro; 4) a teledramaturgia nacional; e 5) a teledramaturgia estrangeira.

No interior dessa cultura audiovisual local, um elemento-chave está na dicotomia constitutiva, para a maioria das cinematografias nacionais, entre um cinema de arte legitimado em nível doméstico e internacional como digno representante da cultura nacional, e um cinema popular – freqüentemente de inspiração hollywoodiana – segregado interna e externamente.

Além desses aspectos, também procuro contemplar outros fatores determinantes da recepção doméstica dos cinemas locais. Dentre eles, cabe salientar: 1) o sistema de distribuição e exibição audiovisual nacional; 2) a instituição crítica cinematográfica nativa; 3) a constituição demográfica, os repertórios, hábitos, gostos e ideologias das audiências domésticas; e 4) a identidade e a história cultural nacionais.

Fernando Mascarello

Doutor em Cinema pela USP, organizador dos livros *História do Cinema Mundial* (Papirus, 2006, em 4ª edição) e *Cinema Mundial Contemporâneo* (Papirus, 2008), coordenador da Especialização em Cinema da UNISINOS (São Leopoldo, RS).

A eterna questão do nacional no cinema brasileiro

Esta apresentação divide-se em duas partes. Primeiro, faço reflexões sobre a utilidade do conceito de ‘cinema nacional’ no contexto da produção cinematográfica brasileira. Segundo Vitali e Willeman, é comum os estudiosos de cinema nacional começarem seus textos alertando para a impossibilidade ou pelo menos a dificuldade de escrever a história do cinema em termos de formações culturais nacionais, para depois prosseguir e fazer exatamente isto. Começarei, porém, argumentando que, contrastando com muitos outros ‘cinemas nacionais’, à primeira vista é fácil falar de um cinema nacional brasileiro. Por exemplo, diferentemente do caso dos cinemas britânico e espanhol, o cinema brasileiro funciona quase exclusivamente em uma língua, e o uso desta língua ajuda a diferenciá-lo do cinema dominante [Hollywood], evitando assim uma série de problemas do tipo experimentado pelo cinema australiano, por exemplo.

A língua portuguesa também distingue o cinema brasileiro da produção de filmes em outros lugares na América Latina, apesar da tradicional insistência dos acadêmicos na Europa e nos Estados Unidos em tratar em conjunto todos os cinemas latino-americanos. Dito isto, é possível examinar o Cinema Novo dentro da ótica transnacional do Novo Cinema Latino-americano: o chamado projeto continental, na expressão de Zuzana Pick. Vale também reconhecer o impacto que estratégias financeiras transnacionais, tais como o Ibermedia, estão tendo no cenário cinematográfico brasileiro.

Mas estas são apenas algumas maneiras de pensar em filmes brasileiros: não impossibilitam, nem dificultam, o ato

de escrever a história do cinema brasileiro em termos de uma formação cultural nacional. Acredito que a melhor maneira de analisar os filmes produzidos no Brasil ainda é, em primeiro lugar, como produtos da sua cultura cinemática e contexto sócio-político local.

Além do mais, não há cinemas ‘sub-nacionais’ para complicar noções do nacional no Brasil, nem comunidades diaspóricas com tradições estabelecidas em fazer cinema fora do país. É claro, como muitos outros estudos recentes de cinemas nacionais também revelam, o conceito de transnacionalidade está paulatinamente transformando tanto a indústria cinematográfica no Brasil quanto a maneira com que os filmes se relacionam com a sociedade que os produz.

O Brasil não apresenta nenhuma dificuldade grave com respeito aos limites do nacional em termos de fronteiras e governança (contrastando, por exemplo, com o cinema nacional britânico e especificamente o cinema feito na Irlanda do Norte). Dito isto, segundo alguns observadores, como resultado do *status* do Brasil de país ‘neo-colonial e de terceiro mundo’, os cineastas têm se preocupado com as ramificações do nacionalismo.

Como colocam Stam, Vieira e Xavier, “Dado o domínio estrangeiro do mercado, e dados os imensos obstáculos que dificultam a realização dos filmes, o cinema brasileiro costuma ser elevado em termos do seu serviço ao ‘desenvolvimento’ e ‘liberação nacional’. Os cineastas expressam suas personalidades criativas, mas também se vêem como parte de um projeto coletivo maior: a consolidação de um cinema nacional.”

Johnson segue a mesma linha de pensamento: “o fato do cinema brasileiro competir com indústrias cinematográficas altamente organizadas e capitalizadas faz com que sua própria sobrevivência fique problemática sem a assistência do Estado. Portanto, sua postura de nacionalismo econômico e cultural é mais enfatizada que outras áreas da produção cultural.” O resultado desta ameaça neo-imperial, imaginada ou não, é uma maior preocupação com ‘o nacional’. Pretendo, na apresentação, me deparar neste assunto, citando exemplos da produção cinematográfica mais recente.

Na segunda parte da apresentação abordarei o que para mim é um assunto-chave na discussão do conceito de cinema nacional no Brasil: a questão da inclusão. Aqui faço observações sobre a) a dificuldade que a maioria dos cidadãos brasileiros tem em acessar os mecanismos de apoio ao cinema no Brasil e b) ‘o público’ - aquela audiência aparentemente há muito perdida, mas deveras procurada, e o relacionamento ambíguo que o cinema tem com seus espectadores. Concluindo, abordarei a posição que o cinema brasileiro ocupa atualmente no Reino Unido.

Stephanie Dennison

Doutora em Estudos Brasileiros. Professora da Universidade de Leeds, Inglaterra. Dois livros publicados sobre o cinema brasileiro (de co-autoria com Lisa Shaw): *Popular Cinema in Brazil*, 2004 e *Brazilian National Cinema*, 2007. Co-organizadora dos livros *Latin American Cinema: Essays on Modernity, Gender, and National Identity*, 2005 and *Remapping World cinema*, 2005. Editora do jornal acadêmico britânico *New Cinemas*. Fundou o programa de pos-graduação em World Cinemas da Universidade de Leeds.

Bibliografia

- Valentina Vitali e Paul Willeman, ‘Introduction’, em Valentina Vitali e Paul Willeman (orgs), *Theorising National Cinema* (London: BFI, 2006), p.3.
- Zuzana M Pick, *The New Latin American Cinema: A Continental Project* (Austin: University of Texas Press, 1993).
- Robert Stam, João Luis Vieira e Ismail Xavier, ‘The Shape of Brazilian Cinema in the Postmodern Age’ em Randal Johnson e Robert Stam (orgs), *Brazilian Cinema* (New York: Columbia University Press, 1995), p. 395.
- Randal Johnson, *The Film Industry in Brazil: Culture and the State* (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1987), p.107.

Interconexões entre filme, música popular e televisão no cinema brasileiro

No período de 1994 aos dias atuais, a expansão da presença do cinema brasileiro no mercado nacional e o crescente interesse do público doméstico por filmes brasileiros têm sido amplamente atribuídos a fatores como novas abordagens estéticas, influenciadas pela linguagem do videoclipe e da publicidade, novas políticas públicas e novas formas de cooperação entre o cinema brasileiro e alguns de seus tradicionais rivais, notadamente a televisão e os distribuidores estrangeiros. Esses fatores sugerem que o cinema brasileiro tem construído uma sólida relação em termos estéticos e industriais com a música popular e a televisão. Os filmes brasileiros mais bem sucedidos entre 1994 e 2008 confirmam essa idéia. A Globo Filmes contribuiu para a produção da maioria dos filmes de maior público no período, entre os quais estão produções que se apóiam não apenas em estrelas da televisão mas também no apelo da música, como *Xuxa Popstar* (2000), *O Auto da Compadecida* (2000) e *2 filhos de Francisco* (2005). Outros filmes, apontados como algumas das melhores produções nacionais pelos críticos, também apresentam interconexões com gêneros televisuais e a música popular, entre eles estão *Baile Perfumado* (1997), *O Invasor* (2001) e *Cidade de Deus* (2002).

Apesar desses exemplos, a colaboração entre filme, música popular e televisão no Brasil não tem sido suficiente para neutralizar alguns dos principais entraves do cinema nacional, ou seja, um mercado dominado por distribuidores estrangeiros, principalmente norte-americanos, e poucas salas de exibição (cerca de 1.800 salas para uma população

de 186 milhões de habitantes), a dependência de subsídios do governo para produção e a falta de apoio para distribuição e exibição. Interconexões estéticas e industriais entre mídias têm sido vital ao menos para minimizar um dos principais desafios que o cinema nacional tem enfrentado que é a necessidade de re-estabelecer uma sólida presença no restrito mercado brasileiro.

O fato de que tanto os filmes brasileiros recentes “comerciais” como os rotulados “avant-garde” têm explorado as interlocuções entre meios para abordar temas contemporâneos e atrair o público aponta para a necessidade de investigar as implicações de processos de intermedialidade para debates sociais e para a indústria de cinema no Brasil. O objetivo desta apresentação é examinar essas questões através de uma análise que leva em consideração as relações históricas entre o cinema brasileiro, a música popular e a televisão, argumentando que em diversos períodos de crise a indústria brasileira de cinema conseguiu manter uma presença significativa no mercado nacional, através de processos de intermedialidade. Exemplos incluem os casos das *Chanchadas*, o *Cinema Novo*, as primeiras experiências de serialização entre cinema e televisão com as comédias juvenis de aventura de Antônio Calmon nos anos 80 e, finalmente, os grandes franchises *cross-media* atuais.

O termo “franchise *cross-media*” é empregado para enfatizar o fato de que filmes recentes têm gerado produtos associados em diversas plataformas midiáticas que incluem CDs, DVDs, livros, programas de televisão, páginas na In-

ternet, entre outras. Exemplos desses franchises são cada vez mais comuns, e não apenas no Brasil, demonstrando que essa tendência se apresenta como estratégia real de fortalecimento de indústrias do audiovisual no momento contemporâneo. Como exemplos de franchises *cross-media* recentes e bem sucedidos são citados os casos dos filmes *Cidade de Deus* e *Cidade dos Homens*, bem como os filmes de Harry Potter, as produções dinamarquesas *Riget I* e *II* de Lars Von Trier e as produções híbridas de *Guel Arraes*. O objetivo desta apresentação é desmistificar preconceitos entre cinema e meios vistos pejorativamente como “populares”, e também debater como a interlocução e fertiliza-

ção entre meios pode contribuir produtivamente para o desenvolvimento de um cinema brasileiro auto-sustentável e menos dependente de incentivos fiscais.

Katia Augusta Maciel

PhD em Cinema pela Universidade de Southampton e mestre em Produção para Cinema e Televisão pela Universidade de Bristol, ambas na Inglaterra. Possui formação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco e experiência como roteirista e diretora de documentários e filmes de ficção de curta-metragem.



Valsa Para Bruno Stein

Serviço Social do Comércio - SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

Danilo Santos de Miranda

Superintendentes

Técnico Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Gerências

Ação Cultural Rosana Paulo da Cunha **Adjunto** Paulo Casale

Estudos e Desenvolvimentos Marta Colabone **Adjunto**
Andréa de Araújo Nogueira **Assistente** Cristianne Lameirinha

Relações com o Público Paulo Ricardo Martin **Adjunto** Carlos
Rodolpho Tinoco Cabral **Assistentes** Malu Maia e Gustavo
Gitti **Artes Gráficas** Hélcio Magalhães **Assistente** Marilu
Donadelli **Projeto Gráfico** Lourdes Teixeira Benedan

CineSESC **Gerente** Gilson Packer **Assistentes** Cristiano
Luiz Sottano, Simone Yunes

Resenhas dos filmes Christian Petermann

Ciclo de Conferências:

Cinema Brasileiro: Desafios Culturais e Econômicos

Transmissão do ciclo de conferências TV ao Vivo

Apoio Cultural

Iniciativa Cultural - Instituto das Indústrias Criativas

Presidente Alessandra Meleiro **Vice-presidente** José

Márcio Mendonça **Diretora Financeira** Isabel Cristina M.

Westin **Diretora de Comunicação e Divulgação** Lia Vissotto



Nota: neste evento, entra em exibição a nova vinheta de segurança, realizada pelo Estúdio Pedra por Dulce Horta e Amir Admoni